

três mulheres

**lisa
taddeo**

Tradução
Marina Vargas



RIO DE JANEIRO, 2019

Copyright © 2019 by Lisa Taddeo. Todos os direitos reservados.
Título original: Three Women

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*
Gerente editorial: *Alice Mello*
Editor: *Ulisses Teixeira*
Copidesque: *Bárbara Prince*
Revisão: *Thaís Lima*
Capa: *Alison Forner*
Adaptação de capa: *Túlio Cerquize*
Projeto gráfico: *Ruth Lee-Mui*
Diagramação: *Abreu's System*
Produção do eBook: *Ranna Studio*

Copyrighted image

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

MWP

Para Fox

Aquele que olha de fora através de uma janela aberta nunca vê tantas coisas quanto aquele que olha para uma janela fechada. Não há nada mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais deslumbrante do que uma janela iluminada por uma única vela. O que se vê à luz do sol é sempre menos interessante do que o que acontece por trás de uma vidraça. Nesse buraco obscuro ou luminoso, vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

— CHARLES BAUDELAIRE

Sumário

Nota da autora

Prólogo

Maggie

Lina

Sloane

Maggie

Lina

Maggie

Sloane

Lina

Maggie

Lina

Maggie

Sloane

Lina

Maggie

Sloane

Maggie

Lina

Sloane

Maggie

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

nota da autora

Esta é uma obra de não ficção. Ao longo de oito anos, passei milhares de horas com as mulheres retratadas neste livro — pessoalmente, ao telefone, trocando mensagens de texto e e-mails. Em dois casos, me mudei para as cidades onde elas moravam e me estabeleci lá a fim de compreender melhor seus cotidianos. Em alguns casos, estive presente e vivenciei os momentos que incluí no livro. Para os eventos que aconteceram no passado ou em momentos em que eu não estava presente, me baseei nas lembranças dessas mulheres, em seus diários e em suas comunicações. Realizei entrevistas com amigos e parentes e as acompanhei nas redes sociais. Na maior parte do tempo, no entanto, me ative ao ponto de vista das três mulheres.

Usei documentos judiciais e artigos da imprensa local e conversei com jornalistas, juízes, advogados, investigadores, colegas e conhecidos para confirmar acontecimentos e cronologias. Quase todas as citações são oriundas de documentos legais, e-mails, cartas, gravações e entrevistas com as mulheres e com outros indivíduos citados no livro. Uma exceção importante é o único caso em que as mensagens de texto, as cartas e alguns e-mails não estavam

disponíveis. Nesse caso, o conteúdo fornecido baseou-se em diversos relatos da mulher em questão, que foram contestados pelo homem com quem ela se correspondia.

Baseei minha escolha dessas três mulheres na capacidade de identificação com suas histórias, em sua intensidade e na maneira como os acontecimentos, quando ocorridos no passado, continuavam no íntimo daquelas mulheres. Eu me restringi a falar com mulheres que estivessem abertas a me contar suas histórias, de forma não confidencial e sem omitir informações. Diversas mulheres decidiram, no decorrer da minha pesquisa, que estavam receosas demais para se expor. Mas, essencialmente, baseei minha seleção no que compreendi como a capacidade dessas mulheres de serem sinceras consigo mesmas e na disposição delas para contar suas histórias de maneiras que revelassem seu desejo. Outros não têm uma voz distinta neste texto porque as histórias aqui contadas pertencem a essas mulheres. Decidi, no entanto, proteger aqueles cujas vozes não foram incluídas, mudando quase todos os nomes, locais exatos e detalhes que permitissem a identificação nos dois relatos que ainda não se tornaram objeto de conhecimento público. No terceiro relato, mudei os nomes dos indivíduos que não desempenharam um papel público ou que tiveram importância secundária durante o período em questão.

Tenho certeza de que estas histórias contêm verdades vitais sobre as mulheres e o desejo. No fim das contas, no entanto, são essas três mulheres específicas que estão no comando de suas narrativas. Todas as histórias têm muitos lados; este é o delas.

prólogo

Quando minha mãe era jovem, um homem a seguia até o trabalho todas as manhãs e se masturbava enquanto andava atrás dela.

Minha mãe tinha frequentado a escola até o quinto ano apenas e seu dote consistia de panos de prato de linho de qualidade média, mas ela era linda. Essa ainda é a primeira maneira que me ocorre de descrevê-la. Seus cabelos eram da cor dos chocolates dos Alpes Tiroleses e ela sempre os usava da mesma maneira: cachos curtos presos no alto da cabeça. Sua pele não era morena como a da família, mas de uma cor toda própria, o rosa claro do ouro barato. Seus olhos eram sarcásticos, sedutores, castanhos.

Ela trabalhava como caixa em uma venda de frutas e legumes no centro de Bolonha. A venda ficava na Via San Felice, uma grande rua no distrito de moda. Havia muitas lojas de sapatos, joalherias, perfumarias, tabacarias e lojas de roupas para mulheres que não trabalhavam. Minha mãe passava por essas butikues a caminho do trabalho. Pelas vitrines, ela observava o couro de qualidade das botas e os colares reluzentes.

Mas antes de chegar a essa zona comercial, saía de seu apartamento e caminhava tranquilamente por pequenas ruas e vielas onde não trafegavam carros, passando pelo chaveiro e pelo açougue de carne de cabra, atravessando pórticos desertos que cheiravam a urina e ao odor sombrio de água estagnada em poças sobre as pedras. Era por essas ruas que o homem a seguia.

Onde ele a teria visto pela primeira vez? Imagino que tenha sido na venda de frutas. Aquela linda mulher, cercada por uma cornucópia de produtos frescos — figos suculentos, montanhas de castanhas-da-índia, pêssegos dourados, bulbos de funcho brancos e brilhantes, couves-flores verdes, tomates na vinha ainda cobertos de terra, pirâmides de berinjelas de um roxo profundo, morangos pequenos mas magníficos, cerejas reluzentes, uvas, caquis — além de uma seleção variada de grãos e pães, taralli, friselle, baguetes, algumas panelas de cobre à venda e barras de chocolate amargo.

Ele estava na casa dos sessenta anos, tinha nariz grande e começava a ficar careca, com uma barba branca por fazer sobre o rosto encovado. Usava uma boina, como todos os outros homens idosos que percorriam as ruas de bengala em sua *camminata* diária.

Um dia ele deve tê-la seguido até em casa, porque, em uma manhã ensolarada de maio, minha mãe abriu a pesada porta do edifício onde morava, saindo da escuridão para a súbita claridade — na Itália quase todos os prédios de apartamentos têm corredores escuros, as luzes diminuídas e cronometradas para cortar custos, o sol bloqueado pelas paredes de pedra, grossas e frias —, e lá estava aquele velho que ela nunca tinha visto, esperando por ela.

Ele sorriu, e ela sorriu de volta. Em seguida, começou sua caminhada para o trabalho, carregando uma bolsa barata e vestindo

uma saia na altura da panturrilha. Suas pernas, mesmo depois de velha, eram absurdamente femininas. Posso me imaginar dentro da cabeça daquele homem, vendo as pernas de minha mãe e seguindo-as. Uma das heranças de ter vivido durante séculos sob o olhar masculino é que as mulheres heterossexuais com frequência olham para outras mulheres da mesma maneira que um homem faria.

Minha mãe sentiu a presença dele atrás de si por muitos quarteirões, passando pelo vendedor de azeitonas e pelo fornecedor de vinho do Porto e cerejas. Mas ele não se limitou a segui-la. Ao dobrar determinada esquina, ela percebeu um movimento com o canto do olho. As ruas de pedra estavam vazias àquela hora, no início da manhã, e ao se virar ela viu que ele estava com o pênis, longo, fino e ereto, para fora das calças, e que o estimulava com rapidez, para cima e para baixo, os olhos tão concentrados nela que parecia possível que o que acontecia abaixo de sua cintura fosse controlado por um cérebro completamente diferente.

Ela ficou assustada na época, mas, anos depois do episódio, o medo daquela primeira manhã se transformou em uma diversão sarcástica. Nos meses que se seguiram, ele apareceu diante do apartamento dela várias manhãs por semana, e por fim começou a acompanhá-la também na volta da venda até em casa. No auge do relacionamento, ele a seguia duas vezes por dia.

Minha mãe já morreu, portanto não posso perguntar por que ela permitiu isso, dia após dia. Perguntei então a meu irmão mais velho por que ela não fez nada, por que não contou a ninguém.

Era a Itália da década de 1960. Os policiais teriam dito: *Ma lascialo perdere, è un povero vecchio. È una meraviglia che ha il cazzo duro a sua età.*

Deixe para lá, é só um coitado de um velho. É um milagre que consiga ficar de pau duro nessa idade.

Minha mãe deixou que aquele homem se masturbasse observando seu corpo, seu rosto, enquanto caminhava para o trabalho e de volta para casa. Ela não era o tipo de mulher que sentiria prazer nisso. Mas não posso ter certeza. Minha mãe nunca falava sobre seu desejo. Sobre o que a excitava ou o que lhe causava repugnância. Às vezes parecia que ela não tinha nenhum desejo próprio. Que sua sexualidade era apenas uma trilha no meio da floresta, do tipo sem sinalização, que é aberta por botas pisoteando a vegetação alta. E as botas pertenciam a meu pai.

Meu pai amava as mulheres de uma maneira que era considerada encantadora. Ele era médico e chamava as enfermeiras de *benzinho* quando gostava delas e de *querida* quando não gostava. E, acima de tudo, amava minha mãe. Sua atração por ela era tão evidente que ainda me deixa desconfortável.

Embora eu nunca tenha me perguntado sobre o desejo de meu pai, algo em sua força, na força de todo desejo masculino, me cativava. Os homens não queriam, simplesmente. Os homens *precisavam*. O homem que seguia minha mãe até o trabalho e de volta todos os dias *precisava* fazer isso. Presidentes renunciavam à glória em troca de boquetes. Em troca de um momento, um homem pode colocar em risco tudo que levou uma vida inteira para construir. Nunca concordei inteiramente com a teoria de que homens poderosos têm egos tão inflados que não conseguem conceber que um dia serão pegos; na verdade, acho que o desejo é tão intenso no instante, que tudo mais — família, lar, carreira — se funde em um pequeno líquido mais frio e mais ralo que o sêmen. Torna-se nada.

Quando comecei a escrever este livro, um livro sobre o desejo humano, achei que seria atraída pelas histórias dos homens. Seus anseios. A forma como podem virar um império de cabeça para baixo por uma garota de joelhos. Então comecei conversando com homens: com um filósofo em Los Angeles, um professor em Nova Jersey, um político em Washington, D.C. De fato fiquei atraída por suas histórias da mesma forma como uma pessoa se sente compelida a pedir repetidas vezes a mesma entrada do cardápio de um restaurante chinês.

A história do filósofo, que começou como um homem atraente cuja esposa menos atraente não queria dormir com ele, com todos os tormentos mesquinhos associados ao amor e à paixão que definham, se transformou na história de um homem que queria dormir com a massagista tatuada com quem vinha fazendo sessões por causa de uma dor nas costas. Ela diz que quer fugir comigo para Big Sur, ele mandou mensagem bem cedo em uma manhã de sol. Na próxima vez que nos encontramos, fiquei sentada diante dele em um café enquanto ele descrevia os quadris da massagista. Sua paixão não parecia digna, considerando o que ele havia perdido no casamento; na verdade, parecia superficial.

As histórias dos homens começaram a parecer todas iguais. Em alguns casos, havia um cortejo prolongado; às vezes esse cortejo mais parecia um aliciamento; mas na maior parte as histórias terminavam nos espasmos ofegantes do orgasmo. E ao passo que o ímpeto dos homens se esgotava na salva final do clímax, descobri que o das mulheres com frequência estava apenas começando. Havia complexidade, beleza e até mesmo violência na forma como as mulheres experimentavam o mesmo acontecimento. Dessa forma e de

outras, a meus olhos, as partes femininas de um interlúdio passaram a representar o todo de como era o desejo nos Estados Unidos.

É claro que o desejo feminino pode ser tão impetuoso quanto o masculino, e quando o desejo era propulsor, quando procurava um fim que pudesse controlar, meu interesse desvanecia. Mas as histórias nas quais o desejo era algo que não podia ser controlado, quando o objeto do desejo ditava a narrativa, era aí que eu encontrava mais grandiosidade, mais dor. Era como pedalar uma bicicleta para trás: a agonia e a inutilidade e, por fim, a entrada em um mundo completamente diferente.

Para encontrar essas histórias, atravessei o país seis vezes. Fiz um vago planejamento de meus destinos. Na maior parte das vezes, eu parava em um lugar como Medora, Dakota do Norte. Pedia torradas e café, e lia o jornal local. Foi assim que encontrei Maggie. Uma jovem mulher sendo chamada de *puta* e *vadia gorda* por mulheres ainda mais jovens do que ela. Ela supostamente tivera um relacionamento com um de seus professores do ensino médio, que era casado. O fascinante, em seu relato, era a ausência de intercurso sexual em si. Como ela relatou, ele tinha feito sexo oral nela, mas não a deixara baixar o zíper da calça jeans dele. Ele, no entanto, havia colocado bilhetes em post-its amarelo-claros no livro favorito dela, *Crepúsculo*. Ao lado de passagens sobre a ligação duradoura entre dois amantes malfadados, ele havia traçado paralelos com a relação dos dois. O que impressionou aquela jovem mulher, o que a fez se sentir enaltecida, foi o grande número de bilhetes e o fato de serem ricos em detalhes. Ela mal podia acreditar que o professor que tanto admirava tivesse lido o livro inteiro, menos ainda que ele tivesse se dado ao trabalho de fazer

comentários tão profundos, como se estivesse ministrando uma aula de estudos avançados sobre amantes vampiros. Ele também tinha, ela contou, perfumado as páginas com sua colônia, pois sabia que ela amava seu cheiro. Receber aqueles bilhetes, viver uma relação como aquela e então vê-la chegar a um fim repentino: eu podia imaginar com facilidade o vazio que algo assim deixaria.

Tomei conhecimento da história de Maggie quando as coisas estavam indo de mal a pior. Ela me pareceu uma mulher cuja sexualidade e cujas experiências sexuais estavam sendo negadas de uma maneira terrível. Vou recontar a narrativa de seu ponto de vista; entretanto, uma versão dessa história foi apresentada a um júri, que viu os fatos de forma muito diferente. Parte da narrativa de Maggie expõe para o leitor a questão muito familiar de quando, por que e por quem as histórias das mulheres são levadas a sério — e quando, por que e por quem não são.

Ao longo da história, homens partiram o coração de mulheres de uma determinada maneira. Eles as amam, ou as amam pela metade, em seguida se cansam e passam semanas e meses se desvencilhando em silêncio, tirando o time de campo, se afastando, e nunca mais ligam. Enquanto isso, as mulheres esperam. Quanto mais apaixonadas estão e quanto menos opções têm, mais tempo esperam, nutrindo a esperança de que ele reaparecerá com um celular quebrado, ou com a cara quebrada, e dizer: me perdoe, fui enterrado vivo e a única coisa na qual pensava era você e tive medo de que você achasse que a esqueci, quando a verdade é apenas que perdi seu número, foi roubado de mim pelos homens que me enterraram vivo, mas passei três anos procurando em listas telefônicas e agora a encontrei. Eu não

desapareci, tudo que eu sentia não foi embora simplesmente. Você estava certa em pensar que isso seria cruel, inconcebível, impossível. Case comigo.

Maggie foi, de acordo com seu relato, destruída pelo suposto crime de seu professor, mas ela tinha algo que as mulheres abandonadas não costumam ter. Um certo poder, determinado por sua idade e pelo cargo de seu ex-amante. O poder de Maggie, ela acreditava, estava estabelecido pelas leis do país. Em última instância, no entanto, não estava.

Algumas mulheres esperam porque, se não esperarem, há uma ameaça de efemeridade. Maggie acredita, no momento, que ele é o único que ela vai desejar na vida. O problema pode ser econômico. As revoluções levam muito tempo para chegar a lugares onde as pessoas compartilham mais receitas da revista *Country Living* do que artigos sobre o fim da submissão feminina.

Lina, uma dona de casa de Indiana que não era beijada havia anos, esperou para deixar o marido porque não tinha dinheiro suficiente para viver separada dele. As leis sobre pensão alimentícia no estado de Indiana não eram uma realidade disponível para ela. Então ela esperou que outro homem deixasse a esposa. Em seguida esperou um pouco mais.

A forma como o vento sopra em nosso país pode nos levar a questionar quem somos em nossa própria vida. Com frequência o tipo de espera a que algumas mulheres se submetem é para ter certeza de que serão aprovadas por outras mulheres, para que elas também possam aprovar a si mesmas.

Sloane, a séria proprietária de um restaurante, deixa que o marido assista enquanto ela transa com outros homens. De vez em quando, há

dois casais na mesma cama, mas na maior parte das vezes ele apenas assiste, em vídeo ou ao vivo, enquanto ela transa com outro homem. Sloane é linda. Enquanto o marido vê ela transar com outros homens, uma cobiçada faixa do mar espuma diante da janela do quarto. Mais à frente na rua, ovelhas Cotswold cor de aveia pastam. Uma amiga minha, que considerou o *ménage à trois* sórdido e quase abominável no contexto de um grupo de praticantes de swing que conheci em Cleveland, achou a história de Sloane esclarecedora, crua, uma história com a qual conseguia se identificar. E a capacidade de identificação com algo é o que nos leva a sentir empatia.

Eu penso diariamente sobre o fato de ser filha de uma mulher que deixou que um homem se masturbasse enquanto olhava para ela, e penso em todas as coisas que permiti que fossem feitas comigo, nada tão escandaloso, talvez, mas não muito diferente no plano geral. Então penso no quanto já desejei dos homens. Quanto desse desejo era algo que eu queria de mim mesma, de outras mulheres até; quanto do que eu achava que queria de um amante vinha do que eu precisava de minha própria mãe. Porque as mulheres, em muitas das histórias que ouvi, têm um domínio maior sobre outras mulheres do que os homens. Somos capazes de fazer outras mulheres se sentirem desleixadas, vulgares, sujas, desprezadas, feias. No fim, tudo se resume ao medo. Os homens podem nos amedrontar, outras mulheres podem nos amedrontar, e às vezes nos preocupamos tanto com o que nos causa medo que esperamos até estarmos sozinhas para termos um orgasmo. Fingimos querer coisas que não queremos para que ninguém veja que não conseguimos aquilo de que precisamos.

Os homens não amedrontavam minha mãe. A pobreza sim. Ela me contou outra história; embora não me lembre das circunstâncias exatas do momento em que me contou, sei que ela não me pediu para sentar. A história não foi contada enquanto comíamos biscoitos de água e sal e bebíamos vinho rosé. É mais provável que tenham sido Marlboros à mesa da cozinha, nenhuma janela aberta, o cachorro piscando em meio à fumaça, sentado entre nossos joelhos. Ela estaria limpando a mesa de vidro.

A história era sobre um homem cruel com quem ela estava se relacionando antes de conhecer meu pai. Minha mãe tinha algumas palavras que me intrigavam e me assustavam. *Cruel* era uma delas.

Ela cresceu em meio à pobreza, urinando em penicos e borrifando as sardas com urina porque diziam que isso suavizava os pigmentos. Havia apenas um quarto, que ela dividia com as duas irmãs e os pais. Quando chovia, a água entrava pelo telhado e pingava em seu rosto enquanto ela dormia. Passou quase dois anos em um sanatório tratando uma tuberculose. Ninguém a visitava, porque ninguém tinha dinheiro para custear a viagem. Seu pai era um alcoólatra que trabalhava em vinhedos. Um irmão mais novo morreu antes de completar um ano.

Ela acabou conseguindo sair de casa e foi para a cidade, mas pouco antes de isso acontecer, no início de fevereiro, sua mãe ficou doente. Câncer de estômago. Ela foi internada no hospital local, de onde não sairia mais. Certa noite, houve uma nevasca, o granizo se chocava contra os paralelepípedos, e minha mãe estava com esse homem cruel quando recebeu a notícia de que a mãe dela estava morrendo e não passaria daquela noite. O homem cruel estava levando minha mãe de carro até o hospital, em meio à tempestade de neve, quando eles

começaram um briga horrível. Minha mãe não deu detalhes, mas disse que tudo terminou com ela no acostamento, debaixo de neve pesada, na noite escura. Ela viu as luzes traseiras do carro desaparecerem, e não havia nenhum outro veículo na estrada congelada. Não conseguiu estar com a mãe em seus momentos finais.

Até hoje não tenho certeza do que *cruel* significava naquele contexto. Não sei se o homem agredia minha mãe, ou se a violentava sexualmente. Sempre imaginei que crueldade, no mundo dela, envolvia alguma ameaça sexual. Em meus pensamentos mais góticos, eu o imagino tentando fazer sexo com ela na noite em que sua mãe estava morrendo. Imagino-o tentando mordê-la. Mas foi o medo da pobreza, não do homem cruel, que permaneceu nela. O fato de não poder chamar um táxi para ir até o hospital. O fato de não ter independência. De lhe faltarem recursos.

Mais ou menos um ano depois que meu pai morreu, quando conseguíamos chegar ao fim de um dia sem ter chorado, ela me pediu que lhe ensinasse a usar a internet. Minha mãe nunca havia usado um computador na vida. Digitar uma única frase levava vários e árduos minutos.

Apenas me diga o que você quer, falei, ao fim de um dia inteiro passado diante da tela. Nós duas estávamos frustradas.

Não posso, disse ela. É uma coisa que preciso fazer sozinha.

O quê?, perguntei. Eu já tinha visto tudo dela, todas as suas contas, bilhetes, até mesmo a carta escrita à mão que ela guardara para que eu encontrasse no caso de ela sofrer uma morte súbita.

Quero pesquisar sobre um homem, disse ela baixinho. Um homem que conheci antes do seu pai.

Fiquei perplexa, e até mesmo magoada. Eu queria que minha mãe fosse para sempre a viúva do meu pai. Queria que a imagem que eu tinha dos meus pais permanecesse intacta, mesmo depois da morte, mesmo à custa da felicidade dela. Eu não queria saber sobre o desejo da minha mãe.

Esse terceiro homem, dono de um vasto império de joalherias, a amava tanto que fora até a igreja para tentar impedir o casamento dos meus pais no momento em que era celebrado. Muito tempo atrás, ela me deu um colar de rubis e diamantes, algo que parecia estar passando adiante para negar o quanto era valioso para ela. Eu disse para ela tentar se entender com o computador sozinha, mas ela ficou doente antes de conseguir.

Eu penso sobre a sexualidade da minha mãe e sobre como ela ocasionalmente a usava. As pequenas coisas, o modo como se maquiava antes de sair de casa ou abrir a porta. Para mim, isso sempre pareceu um sinal de força ou fraqueza, mas nunca de um coração batendo. Como eu estava errada.

Ainda assim, me pergunto como uma mulher pode ter deixado que um homem se masturbasse atrás dela por tantos dias. Eu me pergunto se ela chorava à noite. Talvez ela chorasse até pelo velho solitário. São as nuances do desejo que guardam a verdade sobre quem somos em nossos momentos mais brutais. Eu decidi registrar o ardor e o tormento do desejo feminino de forma que os homens e outras mulheres possam compreender melhor antes de condenar. Porque são os minutos cotidianos de nossas vidas que vão permanecer para sempre, que vão nos dizer quem fomos, quem nossas vizinhas e nossas mães eram enquanto nos esforçávamos para pensar que elas eram muito diferentes de nós. Esta é a história de três mulheres.

maggie

Você se arruma naquela manhã como alguém que se prepara para uma guerra. Sua pintura de guerra é a maquiagem. Olho neutro e esfumado. Cílios carregados. Blush rosa escuro e lábios nude. Seu cabelo está levemente ondulado e muito longo.

Você aprendeu sozinha a fazer a maquiagem e o cabelo, diante de espelhos, com Linkin Park e Led Zeppelin tocando ao fundo. Você é uma daquelas garotas que entendem de forma inata sobre contornos e acessórios, que fazem bom uso de grampos enterrados no cabelo.

Você usa botas de salto anabela, leggings e uma blusa transparente estilo quimono. Quer que ele saiba que não está mais lidando com uma criança. Você tem vinte e três anos.

É claro, você também quer que ele ainda a deseje, que lamente o que perdeu. Quer que, mais tarde, ele se sente à mesa para jantar e fique pensando na curva dos seus quadris.

Seis anos atrás, você era menor, e ele adorava suas mãos pequenas. Naquela época, as mãos dele tremularam dentro de você. Muita coisa mudou. Seu pai está morto. Em agosto, ele cortou os pulsos em um cemitério próximo. Você conversava com ele sobre seu pai, sobre os

problemas com seus pais. Ele sabia como um ia buscar o outro no bar. Ambos bêbados, mas um pior que o outro. Agora você acha que ele entenderia o quanto você se preocupa com a chuva tamborilando na terra acima de seu pai. Será que ele está se molhando lá embaixo, se perguntando por que você o deixou na escuridão fria e úmida? A morte não prevalece sobre as coisas que acontecem em um tribunal? A morte não prevalece sobre todas as outras bobagens, até mesmo policiais e advogados? De alguma forma, em algum lugar, não continua sendo apenas vocês dois?

Você vai de carro até o tribunal distrital do Condado de Cass com seu irmão, David, compartilhando alguns cigarros no caminho. Parte do seu perfume é cheiro de banho misturado à fumaça de cigarro. Ele detestava quando você fumava, então você mentia. Dizia que fora a fumaça do cigarro dos seus pais que se impregnara em seus cabelos e nas fibras do seu moletom azul-marinho. Em um retiro católico, você prometeu parar de fumar, por ele. Ele merecia você inteira, inclusive as partes que você não queria dar.

Você poderia ter feito as coisas de forma que ele não aparecesse hoje. Mesmo que, de acordo com os advogados, ele tivesse o direito de estar lá. Enfim, uma pequena parte de você o queria lá. Você poderia até dizer que uma de suas razões para ir a polícia foi obrigá-lo a ficar diante de você novamente. Porque a maior parte das pessoas vai concordar — quando um amante se afasta, se recusa a ter contato, não quer a escova de dentes de volta, não precisa dos tênis de caminhada, não responde um e-mail, sai para comprar outros tênis de caminhada, por exemplo, porque isso é melhor do que lidar com sua dor traiçoeira, é como se alguém estivesse congelando seus órgãos. Faz tanto frio que você não consegue respirar. Durante seis anos, ele

ficou longe. Mas virá hoje, e também irá ao julgamento, então, de alguma maneira, pode-se dizer que uma das razões por que você está fazendo isso é o fato de que assim vai vê-lo mais ou menos outras seis vezes. Essa ideia só é estranha para quem não sabe como uma pessoa pode destruir outra com o simples ato de desaparecer.

Você tem medo de desejá-lo e se pergunta se a mulher dele está preocupada. Imagina-a em casa, ignorando as crianças e olhando para o relógio.

Você estaciona e fuma um pouco mais antes de entrar. Deve estar fazendo uns quinze graus negativos do lado de fora, mas é bom fumar no frio. Às vezes Fargo parece um novo começo. Os caminhões prateados passando zunindo pela via expressa. Os caminhões têm destinos definidos, coordenadas a seguir. Mas você acha os trens mais bonitos, mais livres. Inspira, e o gelo toma seus pulmões.

Você chega à sala primeiro. Graças a Deus. Você, David, o promotor, Jon, o assistente do promotor, Paul. Você pensa em todos esses homens pelo primeiro nome, e se dirige a eles dessa forma. Eles acham que você está ultrapassando os limites. Na verdade, eles não estão representando você; estão representando o estado de Dakota do Norte. Não estão lá para defendê-la. Seria mais preciso dizer que estão lá para defender sua sombra.

Uma estenógrafa entra.

Então Ele entra. Com o advogado dele, um babaca elegante chamado Hoy.

Ele se senta diante de você. Está vestindo o que costumava vestir na escola. Camisa de botão, gravata, calças. É estranho. Você esperava que ele vestisse um terno. Algo mais elegante e sério. Essa roupa o torna reconhecível novamente. Você se pergunta se esteve

enganada nestes últimos anos. Achou que o silêncio dele significava indiferença, mas talvez ele estivesse afundado em um temor sobrenatural, como você. Ele teve um terceiro filho, você ficou sabendo, e em sua mente imaginou balanços, a mulher dele com o rosto rosado e todos aproveitando a vida enquanto você tremia em banhos de gelo de autodepreciação. Você ficou mais pesada e sua maquiagem ficou mais pesada, mais camadas. Mas, durante todo aquele tempo, talvez ele estivesse morrendo. Sentindo sua falta. Entregando-se, como um poeta, a décadas de tristeza. O balanço está enferrujado. A cerca da classe média demarca os limites de sua prisão. A esposa é a carcereira. Os filhos, bem... Eles são a razão; é por eles que ele decide permanecer infeliz, sem você.

Pelo mais breve dos momentos, você tem vontade de estender as mãos pequenas que ele tanto amava — Será que ainda ama? Para onde o amor pelas mãos vai quando morre? —, tomar seu rosto nelas e dizer: Ah, merda, me perdoe por traí-lo. Eu estava extremamente magoada e furiosa, e você roubou vários anos de minha vida. Não foi comum, o que você fez, e agora aqui estou eu. Olhe para mim. Coloquei esta pintura de guerra, mas por baixo dela estou marcada por cicatrizes, assustada, excitada, cansada e amo você. Engordei 14 quilos. Fui expulsa da faculdade algumas vezes. Meu pai acabou de se matar. Tomo um monte de remédios, olhe dentro da minha bolsa, tem uma porrada deles. Sou uma garota tomando os remédios de uma velha. Eu deveria estar saindo com garotos com hálito de maconha, mas em vez disso personifiquei por completo minha fantasia de vítima. Estou pendurada em um cabide bege na loja Party City. Você nunca escreveu de volta.

Quase, você quase estende as mãos na direção dele, tanto para dizer que sente muito como para implorar que ele cuide de você. Ninguém cuida de você como você sabe que ele pode cuidar. Ninguém a ouve como ele ouvia. Todas aquelas horas. Como um pai, um marido, um professor e seu melhor amigo.

Os olhos dele param de encarar a mesa e encontram os seus. São frios, escuros, mortos. Pequenas ágatas, são reluzentes e severos, e mais velhos do que você se lembrava. Na verdade, você não se lembra desses olhos. Eles costumavam estar cheios de amor, desejo. Ele sugava sua língua para dentro da boca como se quisesse ter mais uma língua.

Agora ele a odeia. Está claro. Você o obrigou a vir até aqui, a sair do conforto do lar com os três filhos e a mulher que vai ficar ao lado dele até a sepultura. Você o arrastou para a neve derretida demoníaca de janeiro, para esta sala escura, e o está obrigando a gastar todo o salário e todas as economias dos pais para pagar aquele advogado engomado e apático, e está determinada a arruinar a vida dele. Tudo o que ele construiu. Cada mesa educativa da Fisher-Price que ele ligou no ar abafado das sete da manhã. Ele vendeu uma casa e comprou outra por causa de você.

Na Dakota do Norte, neste exato momento, Aaron Knodel é Professor do Ano; por todo o estado ele é considerado o melhor em sua profissão. E aí está você, sua vagabunda maluca, descendente de alcoólatras, filha do suicídio, uma garota que se relacionou com homens mais velhos antes e lhes causou problemas, homens do exército, homens íntegros dos Estados Unidos, e eis você aqui de novo, sua vadia destrutiva, tentando destruir o Professor do Ano. Ele expira diante de você com amargura. Hálito de ovos.

Outra coisa que está perfeitamente clara: você precisa parar de se importar. Agora mesmo. Se não, talvez nunca mais saia desta sala. Você procura pelo lugar onde seu coração termina e, por incrível que pareça, o encontra. Sua gratidão por si mesma e por Deus é atordoante. Quantas vezes você sentiu que estava fazendo a coisa certa? Hoje é um desses dias. Talvez o único.

Você achou que ainda ia sentir vontade de dar para ele. Seguiu-o obsessivamente na internet. Hoje em dia nem é mais preciso obcecar. Você abre seu computador e os fantasmas se acumulam. Não pode evitar os elogios obsequiosos nos jornais locais. Ou o Facebook mostra uma propaganda de uma loja onde as luvas de seu antigo amante foram compradas. As fotografias recentes que você viu ainda a fizeram vibrar de excitação, e você ardeu com um desejo antigo. Mas sentada aqui, agora, não há nada. A boca pequena e estreita dele. A pele cheia de imperfeições. Os lábios não sensuais, mas secos e perturbadores. Ele está pálido, como se estivesse se alimentando de muffins, bebendo café e Coca-Cola, sentado em um porão frio, fazendo cara feia para a parede.

Bom dia, diz o advogado dele, Hoy, que é um terror, com seu bigode de fios astutos e rígidos. Ele fez questão de anunciar para a imprensa que seu cliente tinha feito o teste do polígrafo, e passado, mesmo que, de acordo com o promotor, fosse improvável que aceitassem a admissão desse resultado no tribunal.

Você consegue ver o julgamento nos bigodes de Hoy. Ele é do tipo que a faz se sentir uma merda nada refinada com um carro cujo motor não pega em manhãs de inverno como esta.

Ele diz: Por favor, diga seu nome completo para que conste dos autos.

A estenógrafa do tribunal digita, seu irmão, David, respira em uníssono com você, você diz seu nome completo em voz alta. Você diz: Maggie May Wilken. E joga para trás seus cabelos longos e bem cuidados.

A primeira rodada de perguntas é construída para fazê-la relaxar sem que você perceba. Hoy pergunta sobre o tempo que você passou com sua irmã, Melia, no estado de Washington. Melia e o marido, Dane, que é militar — são os mesmos parentes que você visitou no Havaí —, mas por ora ele pergunta apenas sobre quando eles moravam em Washington. Isso foi depois de Aaron. Porque sua vida pode ser dividida dessa forma. Antes de Aaron e Depois de Aaron. Também pode ser dividida em antes do suicídio do seu pai e depois disso, mas Aaron foi o início de tudo, se você for sincera.

Ele pergunta sobre o site de relacionamentos PlentyOfFish. Você de fato conheceu alguns caras lá enquanto estava em Washington. Mas esse advogado age como se você estivesse vendendo seu corpo por cerveja. Você sabe que homens como ele têm o poder de fazer as leis sob as quais você vive. Homens que falam como se sites de relacionamento fossem classificados para sexo. Como se você fosse uma garota que tira fotos do rosto espreitando por entre as próprias coxas.

Na verdade você saiu com alguns caras do site que eram uns fracassados. Foi triste, e você não transou com ninguém, nem sequer aceitou bebidas de graça. Você fica constrangida. Isso foi antes de as pessoas fazerem posts de Instagram com o objetivo de provocar inveja. Isso foi nos tempos iniciais e lentos da nova era. Hoy também pergunta sobre um site cujo nome ele nem ao menos sabe pronunciar. Você pergunta: O que é isso, ele responde: Eu não conheço, mas você

já se cadastrou nesse site, e você responde: Não, eu nem sei o que é. E ao mesmo tempo pensa: Nem você, seu babaca. Mas a formalidade dele a faz ter medo de contradizê-lo. Você poderia apostar que a mulher e os filhos desse homem aprenderam a mentir para ele com regularidade, para escapar de um tipo de crítica digna de dilacerar a alma.

Ele pergunta sobre as brigas entre você e seu pai. Seu amado pai morto, sob barro e chuva. No passado, vocês dois brigaram muito, e você confirma isso. Qual era o motivo das brigas, pergunta Hoy, e você responde: Qualquer coisa. Você não esconde nada, não importa o que signifique, ou o que eles possam pensar.

Ele pergunta sobre seus irmãos, sobre como todos deixaram a casa da família cedo. Naquela época você não sabia que um depoimento na fase de instrução é exatamente isso. Eles montam um caso contra você com suas próprias palavras. Mostrando como você era problemática. A garota libertina que talvez fosse. Em todos aqueles sites de relacionamento, com todos aqueles irmãos; seus pais eram bêbados copuladores que fizeram todos aqueles filhos e deixaram que se espalhassem pelo país, criando problemas e surfando neles como em ondas em direção a novos estados. Você não mora na parte boa de West Fargo, você mora no lado pobre, ao contrário do sr. Knodel, Professor do Ano do estado de Dakota do Norte, que vive em uma casa bonita, de cor neutra, com uma mangueira enrolada em um gancho e grama que ninguém se esquece de regar.

Você olha para ele enquanto isso. E se lembra do passado. E pensa: E se o tempo nunca tivesse corrido? E você pudesse voltar para aquela época. Quando tudo era inofensivo e todos estavam vivos. E se as suas mãos e as mãos dele ainda fossem amigas. E Hoy diz: Você

indicou que antes do seu penúltimo ano na escola... que você era próxima do sr. Knodel antes disso.

Você diz: Correto.

Como isso aconteceu?, pergunta Hoy.

Você pensa bastante na resposta para essa pergunta. Prende suas memórias. E em um instante lá está você. Longe da morte negra do presente, e de volta ao paraíso considerável do passado.

O destino de Maggie chega certa tarde, sem o soar de um clarim. Ele chega sorrateiramente, como tudo mais no mundo que tem o poder de nos destruir.

Ela apenas ouvira falar dele. Algumas das garotas estavam comentando sobre como ele era bonito. Cabelo escuro e liso com um pequeno topete na frente, como se tivesse sido fixado com gel em uma saudação permanente. Olhos escuros encantadores. O tipo de professor que faz você querer ir para a escola, mesmo nas manhãs frias da Dakota do Norte. Nos corredores, o nome dele causava tanta excitação que precisava ser sussurrado.

Sr. Knodel.

Maggie não é o tipo de pessoa que confia na palavra de outras no que diz respeito à beleza de alguém. E não costuma concordar com a opinião popular apenas para se encaixar. Suas amigas dizem que ela não tem filtro. Elas riem disso mas, em segredo, ficam felizes por ela estar no mesmo time. Ela é do tipo que diz a um cara que ele não vai dar uma volta, então é melhor nem perguntar: Você quer dar uma volta?

Finalmente, um dia, entre o segundo e o terceiro períodos, ela o vê passando no corredor. Está usando calça cáqui, camisa de botão e

gravata. Não é um momento meteórico. A primeira vez que você vê a próxima pessoa mais importante de sua vida não costuma ser um grande momento. Ela diz às amigas: Está bem, ele é bonitinho, mas com certeza não é tudo que dizem.

Não há muitos professores bonitos. Na verdade, não há nenhum. Há dois outros professores jovens do sexo masculino, o sr. Murphy e o sr. Krinke, que junto com o sr. Knodel são os “três mosqueteiros”. Além de serem próximos entre si, eles também se comunicam com os alunos de todas as formas, como por mensagens de texto, especialmente os alunos que eles orientam; o sr. Murphy e o sr. Knodel coordenam o congresso estudantil, e o sr. Krinke e o sr. Knodel coordenam juntos o clube de oratória e debates. Depois da escola, eles vão a restaurantes que servem degustação de cerveja, como o Spitfire Bar & Grill. Applebee’s. TGI Friday’s. Eles assistem a jogos e bebem. Nos dias de aula, comem na sala do sr. Knodel o que chamam de almoço de homem. Conversam sobre um jogo online de futebol americano e dão grandes e impiedosas mordidas em sanduíches de frios.

Dos três mosqueteiros, o sr. Knodel é o melhor partido. Tem 1,80 metro, 85 quilos, cabelos e olhos castanhos. Não é um bom partido no sentido tradicional: ele é casado e tem filhos. Um bom partido significa que, de todos os professores com menos de 40 anos, ele é o mais atraente. Quem não pode ir a Las Vegas vai ao cassino Foxwoods.

No segundo semestre do primeiro ano do ensino médio, Maggie tem aulas de inglês com o sr. Knodel. Ela se interessa pelas aulas. Senta-se com a coluna ereta, levanta a mão, sorri e quase sempre

chega na hora. Eles conversam depois da aula. Ele olha nos olhos dela e ouve, como um bom professor.

Tudo começa a se encaixar. Quando o West Fargo enfrenta o Fargo South nas semifinais de futebol feminino, o técnico convoca Maggie e ela começa a tremer da cabeça aos pés como um passarinho. Ele diz que o time precisa dela em campo. Eles perdem, mas graças a ela quase não perdem. O ar está gelado, o dia ensolarado, e ela se lembra de pensar: Eu tenho o resto da vida para fazer isso, e qualquer outra coisa que eu queira fazer.

Nas paredes de seu quarto há pôsteres das jogadoras Mia Hamm e Abby Wambach. Sua mãe pinta uma rede no lugar da cabeceira da cama. Maggie é apaixonada por David Beckham. Nos ventrículos mais confiantes de seu coração, ela se imagina ganhando uma bolsa de estudos para a faculdade. Pensa no futuro, depois de deixar para trás garotos, festas e fofocas, nos grandes estádios aonde as pessoas vão só para ver as garotas jogarem. Ela está diante daquele precipício: ainda possui os sonhos de uma criança, mas agora consegue contrapô-los ao potencial de um adulto.

No jogo de abertura, no primeiro ano, Maggie e algumas amigas entram no estádio com álcool escondido em garrafas de refrigerante, depois seguem para a casa de uma garota cujos pais estão fora da cidade, e bebem um pouco mais. Elas ficam com fome e vão até a Perkins, uma lanchonete que mais parece um refeitório popular. O lugar é desbotado, os clientes têm rostos avermelhados e as garçonetes têm tosse de fumante, mas quando se é jovem e se está bêbado, serve para um lanche de fim de noite. Quando se é jovem, é possível fazer quase qualquer coisa sem que pareça deprimente.

Um trem ressoa à distância. Maggie está animada, pensando em futuras viagens de trem, bilhetes só de ida para longe de Fargo, carreiras e apartamentos elegantes em cidades espelhadas. Toda sua vida se estende diante dela, um caminho de direções imprecisas, porém múltiplas. Ela poderia ser astronauta, estrela do rap, contadora. Ela poderia ser feliz.

Hoy pergunta sobre outras pessoas em sua turma de inglês, e também sobre seu círculo de amigas mais próximas. Você menciona Melani, Sammy, Tessa, Liz e Snokla.

Snokla, ele repete, como se fosse uma sobremesa gelada. É uma garota?

É uma garota, você responde.

E essa é aquela cujo sobrenome você acha que é Solomon?

Hoy diz isso de uma maneira condescendente. Então Aaron fala pela primeira vez. O homem que colocou a boca em todo o seu corpo e então um dia não só pôs fim a isso, mas passou a ignorar sua existência, fala com você pela primeira vez em seis anos.

Está errado, ele diz, balançando a cabeça. Ele quer dizer que Solomon, o sobrenome, está errado. Pela maneira como diz isso e balança a cabeça, você sabe que ele tem razão. É mais que inteligência. Ele é o tipo de homem que nunca vai contrair uma doença sexualmente transmissível, não importa com quantas mulheres imundas vá para a cama. Em um parque de diversões, ele não sai sem vários bichos de pelúcia baratos. Seus braços ficam rosa e azuis das cores da vitória.

Hoy repete: E essa é aquela cujo sobrenome você acha que é Solomon?

Parece que não, você responde. Seu rosto fica quente. Um dia, você o amou, mas ele ainda é, e sempre foi, uma figura de autoridade. Uma vez ele disse que tinha deixado o corpo liso por você, e você se sentiu tão idiota porque não fazia ideia do que isso significava.

Eu não entendo, diz Hoy.

Estou dizendo claramente que seu cliente diz que esse não é o sobrenome dela, então...

Quando está com raiva e encurralada, você fica sarcástica. Hoy diz: Tudo bem, não precisam começar com isso. Apenas responda minhas perguntas.

Mais tarde, você vai se perguntar por que ninguém achou estranho que Hoy estivesse agindo mais como um amigo pondo panos quentes em uma briga de casal do que como um advogado defendendo um homem inocente.

Mas não é Hoy quem está louco, é você. Você é uma garota maluca. Você quer dinheiro, é o que as pessoas pensam, e que esse homem pague por algo que não fez. Você está louca e avariada, assim como seu carro e sua saúde mental. Como sempre, os canalhas vencem. Aaron continua sendo maior que você. Isso não provoca dor, mas algo cancerígeno, algo que choraminga bem no fundo de você, que quer apenas a mãe. Você dá de ombros.

Então eu não sei, você diz.

Maggie se lembra de uma garota chamada Tabitha na mesma turma de inglês que ela. Ela se lembra porque, durante uma aula, o sr. Knodel revelou que teve câncer de testículo. É engraçado, legal e apenas ligeiramente estranho quando os professores compartilham fatos íntimos sobre si mesmos. Isso os torna menos professorais. É mais

fácil se identificar com professores que têm uma vida comum como você, que pegam resfriados, querem coisas que não podem ter e nem sempre se sentem bonitos.

Então Tabitha perguntou ao sr. Knodel se isso significava que ele tinha apenas um testículo. Na verdade, ela não disse isso de maneira tão educada. Ela disse: Então, quer dizer que você só tem uma bola?

O sr. Knodel não ficou nem um pouco feliz. Com um ar severo, ele disse: Podemos falar sobre isso depois da aula.

Maggie ficou com pena do sr. Knodel, pois sabia que Tabitha o constrangera. Que coisa horrível de se perguntar. Quem teria coragem de perguntar algo assim? Maggie é insolente e espalhafatosa, mas não é cruel ou imprudente.

Algum tempo depois — como se quisesse mostrar que o testículo ausente não o incapacitava, brincam alguns alunos —, o sr. Knodel tira uma licença-paternidade. Sua esposa deu à luz o segundo filho. O sr. Murphy o substitui durante esse período. Quando o sr. Knodel retorna, logo depois de ser pai, ele parece ter se aberto. Está revitalizado e acessível de uma nova maneira — uma ostra polida e indulgente.

Maggie não se lembra exatamente como começou a falar com ele sobre sua vida nas sessões depois da escola. Ela se demorava depois da aula dele, ou ele fazia uma pergunta quando ela estava a caminho da porta. Maggie, ele chamava, com uma sinceridade incrível nos olhos, e ela ficava. Por fim, começou a contar a ele algumas coisas. Seu pai tinha ficado bêbado demais para dirigir do bar de volta para casa. Eles tiveram uma briga na noite anterior, e ela não quis ouvi-lo, porque como poderia ouvir um pai que lhe pedia para comprar uma caixa de cerveja?

Caso passasse um tempo sem que ela lhe contasse algo, ele a cutucava. Dizia: Ei, tudo bem em casa? E Maggie ficava para lhe contar o que havia de novo. Ele era um bom professor, e se importava. Às vezes, não há nada melhor no mundo do que alguém nos fazendo uma pergunta.

lina

Há dois tipos de garotas de quinze anos, Lina sabe, e ela é do tipo que se dedica mais a colecionar adesivos do que a dar beijos de língua. Em seu quarto, fecha os olhos e se imagina se apaixonando. Lina deseja isso mais do que qualquer outra coisa. Ela acredita que as meninas que dizem desejar sucesso na carreira mais do que desejam se apaixonar estão mentindo. No andar de baixo, sua mãe está assando bolo de carne. Lina detesta bolo de carne. Especificamente, detesta a maneira como o cheiro perdura. A casa toda cheira a bolo de carne agora, e daqui a dias o pó no corrimão ainda vai reter aquele fedor acastanhado.

Na testa dela tem uma espinha, cujo centro é da cor de uma laranja-de-sangue. É sexta-feira, o que não significa nada, porque suas sextas-feiras são praticamente iguais às terças-feiras, e na verdade as terças são melhores porque, pelo menos às terças, pode-se ter certeza de que ninguém está fazendo nada de importante, assim como você. Algumas pessoas não estão fazendo nada de importante em casas modulares ou trailers. Pelo menos Lina mora em uma casa decente.

Sempre pode ser pior, embora, é claro, também possa sempre ser melhor.

Mas esta sexta-feira vai ser diferente. Ela ainda não sabe, mas esta sexta-feira vai mudar sua vida para sempre.

Algumas semanas antes, uma amiga de Lina, Jennifer, que beija muita gente, começou a namorar um cara chamado Rod. Rod é o melhor amigo de Aidan, e Lina sente por Aidan o tipo de paixão que toda garota que não é popular sente por um garoto popular. Ele é forte, atraente e muito calado, de modo que toda vez que ele abre a boca é empolgante. É apenas uma paixão moderada, porque ela mal o vê. Eles fazem uma matéria juntos e nunca se falaram. Ele namora garotas com lábios volumosos, seios grandes e um certo tipo de cabelo liso e sedoso. Ele namora garotas gostosas.

Lina não tem dismorfia. Ela não se olha no espelho e vê uma garota feia. Ela se olha no espelho e vê exatamente o que há para ver: cabelo loiro ondulado na altura dos ombros, olhos azul-acinzentados e pele avermelhada com pequenas fileiras de espinhas surgindo ao longo da linha do cabelo. Tem estatura normal, 1,64 metro, e seu corpo é algo entre normal e bom: suas coxas não se tocam muito e, se ela pular o jantar, se sente bem em relação à barriga.

Mas não é bonita. Por exemplo, se de repente se tornasse namorada de Aidan, não conseguia imaginar outro garoto dizendo: Cara, a mina do Aidan é *gostosa*.

E, nos últimos tempos, tem percebido que nada no mundo poderia ser mais importante. Nada mais importa. Ou melhor, tudo o mais *importaria*, porque quando é gostosa, você tem liberdade para se concentrar no resto da vida. Você é gostosa, então não precisa ficar uma hora na frente do espelho para ter uma aparência decente. Você é

gostosa, então não precisa se esforçar para ser amada. Você é gostosa, então nunca precisa chorar, e quando chora, é porque alguém morreu, e fica bonita chorando.

De qualquer forma, não só ela não era gostosa, mas também não recebia o tipo de atenção que sabia ser fácil de receber. Como dos caras que trabalhavam nas lojas de conveniência 7-Eleven e nas lanchonetes Tastee Freez. Caras espinhentos que usam correntes prendendo a carteira à passadeira do cinto. Nem desses caras.

Mas agora que Jennifer estava namorando Rod, aquilo tinha se tornado uma possibilidade. Era praticamente como se a única coisa que impedisse Lina de ter um namorado popular fosse um pouco de estratégia. E para ter uma boa estratégia, você precisa ter uma obsessão prática.

Então, em questão de semanas, Lina aprende tudo sobre ele. Cara, se os garotos soubessem, ela brinca com Jennifer, quanto tempo gastamos pensando neles. Lina é sempre sincera sobre assuntos assim. Mas Jennifer nunca vai admitir que algum dia já fez algo parecido. Como descobrir tudo a respeito de alguém com quem você nunca falou.

Endereço.

Número do telefone de cor. E em duas semanas você disca os seis primeiros dígitos mais ou menos umas mil vezes, seu coração explode logo antes do sétimo número e seu dedo pulsa sobre ele, mas você nunca o pressiona. Fazer isso ativa os mesmos sentidos que a heroína.

Pais — os nomes, o que cada um deles faz para ganhar a vida e onde trabalham.

Animal de estimação — o nome e quando é levado para passear. Por quais ruas passa, para você ir com seu walkman, escolher uma

roupa para a caminhada todos os dias e virar cada esquina com o coração cheio de mosquitos.

Número da camiseta.

Primeira garota que ele beijou. E então você cria uma história sobre como ela é péssima. Você cria histórias no chuveiro sobre como a menina é péssima e como ele não vai querer falar sobre ela porque não vale a pena. Como ele vai praticamente esquecer o nome dela. Mesmo que você nunca esqueça.

Bandas favoritas, filmes favoritos, tudo o que Lina admite que talvez só devesse saber depois de conhecer a pessoa.

Seus horários de aula, onde exatamente se sentar na sala durante a matéria que fazem juntos e como chegar antes dele, para que ele não pense que você está tentando se aproximar.

Tudo isso se torna mais importante do que respirar. Porque Lina sabe que se conseguir ter aquele garoto tão perfeito, então todo o resto ficará bem. Até o fato de não ser gostosa. Vai ficar tudo bem e as merdas da vida não vão importar.

Como a mãe de Lina, que faz com que ela se sinta uma idiota por querer mais do que tem. Que diz frases como, Que ideia ridícula, Lina, ou, Por que enfiou isso na cabeça, Lina?

Como o pai de Lina, que vai caçar patos, e ela morre de vontade de ir com ele, mas sua mãe é contra. Ela quer que Lina e suas irmãs se comportem como garotas. Moças.

E faz perguntas demais. Está sempre pegando no pé da Lina. Está sempre rondando. Lina pensa: Vá cuidar da sua vida. Vá cuidar da sua merda de vida. Eu nunca cheguei da escola e fiquei sozinha nesta merda de casa.

Ela não se importaria com coisas assim, ou pelo menos as toleraria, se pudesse ir para a casa de seu namorado Aidan Hart, assistir a um filme em seu quarto no porão com todas as luzes apagadas e dar uns amassos incríveis mas silenciosos, aninhados sob a colcha áspera dos Colts, sem se importar com mais nada, porque eles estão completamente apaixonados. Cara, a palavra *namorado*. É algo que ela nem consegue conceber. É muito distante, e ela sabe que se um dia tiver um, nunca deixará de valorizar isso, porque todo dia vai acordar e dizer: Puta merda, eu tenho um *namorado*.

Se ele ao menos soubesse como ela era perfeita para ele. Acariciaria seu rosto e diria: Garota, eu odeio que perdemos tanto tempo. Temos que compensar. Preciso passar cada minuto do resto da minha vida tocando seu corpo.

E ela apenas colocaria a ponta do dedo sobre os lábios dele, como uma vez viu uma garota gostosa fazer em um filme, tipo, Shh, garoto, depois o beijaria.

Nesta noite de sexta-feira, é precisamente isso que ela está fazendo. Está no quarto com as luzes apagadas, debaixo das cobertas, vestindo uma calcinha branca, movendo as pernas uma contra a outra como uma fatiadora de frios e imaginando sua vida em cenas de filme, beijando-o na chuva, no treino de futebol, no cinema, no banco branco da sorveteria. Ela está apenas de sutiã e calcinha em sua cama agora e ele está ao lado dela, os braços enormes em torno de sua cintura pálida e o polegar dentro de seu umbigo, e ela está dando um beijo de língua nele. Suas línguas estão mais molhadas que toboáguas, e ela sente cada papila.

Então o telefone toca e sua mãe grita *Lina* da base da escada, e são seis da tarde e Lina pega o telefone.

É Jennifer.

E quando Jennifer diz: Oi, Lina, Aidan acha você bonita e vamos ter um encontro de casais hoje à noite, e o seu mundo inteiro, com todas as sextas-feiras que parecem terças-feiras, o bolo de carne e todas as merdas, morre e uma nova vida começa.

Ela vai se lembrar para sempre de tudo o que acontecer naquela noite, a sensação de finalmente conseguir o que queria. A ideia de que é real, de que um sonho pode se tornar realidade.

Eles vão se encontrar no cinema naquela noite quente e sem vento de setembro. Os pais de Jennifer vão deixá-las lá. No carro, as pernas raspadas de Lina tremem. Ela está usando short jeans e uma camiseta rosa e seu cabelo loiro cai perfeitamente sobre os ombros, pelo menos dessa vez.

O carro para diante do cinema e lá estão os dois garotos, e ela não consegue acreditar que aquilo está acontecendo. Olha para os pés enquanto sai do carro porque tem medo de olhar para o rosto dele, tem medo de o rosto dele olhar para o rosto dela e não o achar bonito. E então algo atrai seus olhos para cima, algo derrete o medo.

Aidan.

Lá está ele, parado, parecendo o homem que ele está se tornando mais rápido do que todos os outros garotos.

Ela se apaixona por ele de imediato. Mas dessa vez é real. Há uma química. É como se seus ossos tivessem uma atração magnética para os ossos dele. De perto, ele parece tímido.

Bom ver você, Lina, ele diz.

Bom ver você, ela diz.

Aidan estende a mão para ela. Ao vê-la, ela quase desmaia. De repente, aquilo não é mais um sonho distante. Ela na verdade não

tinha mentalizado aquilo. Não poderia ter imaginado, e isso tornava aquele encontro lindo. Ela se lembraria de pensar: Eu não sabia que minha vida poderia ser feliz.

Lina aperta a mão dele com a autoconfiança de alguém que de repente sabe que sua mão também é boa o suficiente. Ele sorri e suspira.

Rod e Jennifer, que já deram beijo de língua e provavelmente um pouco mais, são menos românticos um com o outro. Lina sempre achou que Jennifer era mais bonita do que ela, mas essa noite não.

Os garotos já compraram os ingressos, então os quatro entram no cinema. As duas meninas se sentam uma ao lado da outra, Rod se senta do outro lado de Jennifer e Aidan se senta ao lado de Lina. Ela sente o calor do corpo dele a seu lado e tem que se concentrar muito para agir normalmente. Fica feliz por eles terem chegado atrasados no filme, por as luzes do cinema já estarem apagadas, assim ele não vai ver seu rosto vermelho, suas espinhas, sua exaltação.

Seven — os sete crimes capitais não é o tipo de filme que Lina gosta. É sangrento e carnal e na cena em que o homem culpado de luxúria é forçado a fazer sexo com uma mulher usando um *strap-on* que vai mutilá-la, Lina não aguenta. Seu desconforto é maior do que o desejo de ficar sentada ao lado de Aidan, então ela se levanta da cadeira e, sem dizer nada, ele também.

Ela sai com a sensação triunfante de que aquele garoto vai atrás dela. As coisas nunca foram assim para ela antes. Lina era uma menina feia e sem graça em seu quarto. Ela anda mais depressa e o ouve acelerando o passo. E então ele a chama pelo nome que vai assombrar seus sonhos.

Ei. Ei, *Garota*, espere. Você está bem?

Ela se vira. Eles estão sob a luz do letreiro. De repente, parece 1957. Packards estacionam e Cary Grant diz: Olá, belezura! E Bette Davis diz: Uhuuu. *Aqui*. Ele segura o braço dela. Ela se vira para ele.

Você me chamou de garota?

Sim.

Nós estamos na mesma série.

É.

Então.

Então, você não gosta?

Não é isso, diz ela, abrindo um sorriso. Eu gosto. Gosto muito.

E é então que acontece o beijo mais romântico da história do mundo. Ele acaricia a bochecha dela com a palma da mão, lento e incerto, como o garoto que ainda é, embora seja mais homem do que qualquer outra pessoa que Lina conheça, e todo o rosto dela fica quente. Ela vê mil imagens, do jeito que deve acontecer quando uma pessoa morre, e não por causa do primeiro beijo. Ela vê a mãe ao pé da escada chamando-a de preguiçosa, vê o pai saindo pela porta, ele continua saindo pela porta e a porta continua se fechando e sua mãe diz: Lina, limpe sua bagunça imunda, Lina, que conversa é essa, Lina, onde você está, ainda está no maldito banheiro?, e vê as irmãs fazendo cara feia para ela, vê seu coelho de estimação que morreu à noite e de manhã a mãe a fez pegá-lo e ela queria enterrá-lo, mas viu o saco de lixo com os cordões torcidos, vê o pai saindo pela porta e, de repente, os lábios daquele homem lindo estão em seus lábios, ela sente a língua dele escorregar para dentro de sua boca e é algo que ela apenas imaginou, um assunto sobre o qual leu em um livro que ela e uma amiga compartilharam chamado *Como beijar*, que falava de línguas se movendo como peixinhos dourados, mas sua língua e a dele não são

como peixinhos dourados, não são línguas, e sim almas, movendo-se contra o osso molhado dos dentes. Lina sente que poderia morrer naquele momento, que se morresse sua vida estaria completa.

Aidan, ela sussurra na boca dele.

O que foi, *Garota*.

Para algumas mulheres, a preparação para encontrar o homem amado é quase tão venerada quanto o encontro em si. Em alguns casos, é melhor, porque, no fim das contas, o homem amado vai embora, ou um dos dois perde o interesse, mas os tenros momentos de expectativa permanecem. Assim como Lina se lembra com mais facilidade da beleza da neve caindo do que da lama cinzenta que perdura.

Lina está nua e branca atrás de uma cortina amarelo-ovo em um box de chuveiro retangular, com a boca aberta para o fluxo de água, segurando o cabelo molhado para trás como as meninas fazem nos filmes — um polegar sobre cada orelha e as palmas no topo da cabeça, em seguida alisando-o para trás. Ela raspa as pernas e a área pubiana, deixando o que ouviu algumas garotas mais velhas chamarem de *pista de pouso*. Ensaboa-se, tomando o cuidado de limpar profundamente as áreas que a boca dele poderá beijar, esfregando essas áreas com mais força, talvez, do que deveria.

Ela programa tudo com perfeição para que a irmã esteja indo para o banheiro quando Lina estiver voltando para o quarto que dividem, de forma que ela possa ficar sozinha. Nua na cama, em cima da toalha, ela aplica hidratante rosa sobre a pele, sem deixar de cobrir um único ponto. Em seguida, coloca maquiagem, mas não muito, porque certa vez ele fez um comentário sobre garotas maquiadas demais, sobre

como elas tentavam parecer mais velhas, mas na verdade acabavam parecendo vulgares.

Ela seca o cabelo em grandes mechas, de modo que fique liso, mas com volume, para que balance sobre as costas e os ombros enquanto ela anda.

Aplica perfume atrás das orelhas, na parte de trás dos joelhos e no interior dos pulsos. É um perfume floral com toque de limão, que evoca tardes em uma casa de praia, chá gelado com folhas de hortelã e brisa fresca.

O perfume é a última coisa que ela aplica, para que dure. Lina ficará silenciosamente irritada se passar por um fumante no caminho. Aidan é fumante, mas ela quer chegar a ele limpa, sem cheiro de cigarro, mesmo que as chances de ele estar fumando quando ela se aproximar sejam grandes.

Há uma sensação de nervosismo e leveza em suas entranhas, como se ela não comesse há dias. Ela tem, de fato, comido menos, porque Lina começou a perceber que é isso que o amor faz. Ele nos alimenta e nos eviscera ao mesmo tempo, de forma que ficamos preenchidos, mas também vazios. Não se quer comida nem a companhia de outras pessoas. Deseja-se apenas a pessoa amada e seus pensamentos a respeito dela. Todo o resto é um desperdício de energia, dinheiro, fôlego.

O lugar secreto é um rio, mas é mais que um rio. Mesmo agora, quase duas décadas depois, Lina pensa em *rio* quando lembra do lugar secreto, mas a palavra não se encaixa. O problema é que não há outro termo melhor. Como até mesmo as coisas mais perfeitas da vida, ele é o que é.

Não que nenhum dos dois jamais o tivesse chamado de lugar secreto. Não em voz alta. Era só como Lina o chamava em sua mente. Na verdade, tinha um nome muito mais simples, ainda mais simples que *rio*.

Lá.

Eu a encontro *lá*.

Vejo você *lá* às dez.

Bastava descer do ônibus, e lá estava, a apenas quatrocentos metros de distância, não muito dentro da mata, à margem da estrada de duas pistas que atravessava a planície.

Havia uma espécie de trilha pela mata, não uma trilha de fato, mas demarcada o suficiente, uma clareira estreita onde os galhos e as folhas tinham sido esmagados por tênis Keds e Timberlands.

Com seus tênis brancos, Lina se perguntava quanto da trilha fora criada por ela e pensava em todas as pessoas que vieram antes e deixaram as primeiras marcas.

Lá estava. Ali, em uma clareira, onde a grama crescia alta, um rio estreito e sinuoso em meio à névoa baixa. A melhor parte era ver a caminhonete dele, velha, detonada e tão cinza que ficava invisível, o que fazia o coração de Lina bater como uma bola quicando.

Ainda era outono quando eles começaram a se encontrar lá, mas o inverno logo chegaria, então ele disse que eles precisariam arrumar cobertores, porque manter o carro ligado seria caro demais. O fato de ele ter dito isso em setembro, quando ainda faltavam muitas semanas para o inverno, fez os olhos de Lina se encherem de lágrimas, o fato de ele imaginar seu futuro com ela. Por muito tempo, isso foi o suficiente, que o objeto de seu amor a considerasse um coração pulsante, algo vivo, em sua órbita.

Ver o carro dele lá, ouvir os pássaros nos galhos e o estalar dos galhos sob os pés. Sentir o cheiro da terra molhada e do escapamento e se perder em um holograma de névoa. Colocar o cabelo atrás das orelhas do jeito que tinha ensaiado na frente do espelho, da maneira exata que a deixava mais bonita. Todos aqueles sons, cheiros, rotinas. Eram as preliminares dela.

E ali, no carro, olhando diretamente para as árvores e cercado pelo halo de sua própria fumaça, estava aquele homem mitológico que seria dela, que estava naquele exato momento esperando por ela, de forma que a totalidade do seu ser estava validada. Ele era o sentido de sua existência; quem se importava com sua mãe, suas irmãs e as costas de seu pai. Ele estava lá.

Lá.

Um dia, Aidan vai beber demais, vai ter filhos e um trabalho que não pagará o suficiente para que ele compre o gás da churrasqueira para as festas de aniversário no verão. Um dia Aidan vai ter uma barriga grande e muitos arrependimentos. Ele não vai ser fuzileiro naval, astronauta nem jogador de beisebol. Não vai cantar em uma banda nem nadar no Pacífico. Além dos filhos, da mulher e das coisas que terá feito por eles (que contam, mas ao mesmo tempo não contam, da maneira que um homem precisa que algo no espaço sideral conte), ele não terá feito nada de que ninguém de fato se lembre. A não ser o que representou para uma única mulher. Ele representou tudo.

Querido Diário,

Estou apaixonada por Aidan Hart, e ele está apaixonado por mim!

E juro que sei que é de verdade. Ninguém no mundo nunca foi tão feliz. No segundo em que acordo, tenho a sensação de que vou explodir. Estou tão feliz que poderia morrer. Finalmente sei o que as pessoas querem dizer quando falam isso. Eu poderia morrer.

Quando o inverno se aproxima, o ritmo impetuoso de sua história de amor desacelera. Isso faz Lina detestar a estação. Ela sente qualquer afrouxamento de sua obsessão de maneira tão aguda quanto um de seus membros se partindo.

A escola e suas obrigações pesam sobre ela. Os comentários desagradáveis da mãe a ferem mais profundamente. Ela não gosta do casaco de inverno, não tem vontade de ler livros nem de aprender nada novo.

Nessa época, fica sabendo que um amigo de sua irmã mais velha está interessado nela. Isso a surpreende e não a surpreende ao mesmo tempo. É como se de repente, por causa de Aidan, ela tivesse se tornado visível para o mundo. Ela é *popular*. Sabia que isso poderia acontecer. Sempre soube. Mas essa constatação não a tranquiliza, pelo contrário.

O amigo não é muito bonito, mas é mais velho, tem muitos amigos e vai a todas as festas. No corredor, ele se aproxima de Lina enquanto ela está diante de seu armário. Ela sente a respiração quente dele em seu nariz. Ele a olha de uma maneira que não parece estar apaixonado. Não parece nem ao menos gostar muito dela.

Ele lhe conta sobre uma festa naquele fim de semana. Pergunta se parece algo que ela estaria afim de fazer. Ela sente a cabeça balançando. Tem medo de não dizer sim. Ela não acha que seja um encontro, mas gosta da ideia de que alguém a considere atraente. É

como ser um abajur em uma loja de iluminação que não estava aceso, mas agora está: de repente, os clientes param e dizem: Querida, o que acha *deste*?

Ela está apaixonada por Aidan, mas acha que a festa pode ser uma noite divertida e que ele deve sair também. Esse é o problema, na verdade. Ela não sabe o que ele tem feito à noite. Na verdade, nunca soube, mas de repente se dá conta de que isso não mudou. Eles não se tornaram um casal de verdade, atrelados um ao outro, como Jennifer e Rod.

Lina diz para si mesma: Vai ser bom ir a uma festa. Sair de casa. Mas, na verdade, para ser sincera, ela quer ir porque faz alguns dias que Aidan não liga, e na escola ele sorriu ao passar por ela no corredor, mas anda distante e Lina não se permite pensar nisso, ainda não. Mas está em seu subconsciente, como as ordens de sua mãe.

Sua memória é turva. O cara que a busca, aquele que supostamente tem uma queda por ela, não é um deles. Isso, pelo menos, ela sabe.

Ele a leva para a casa de um amigo onde não há uma festa de verdade. São apenas quatro caras bebendo. Ela se lembra de pensar: Quando vamos sair para a festa? Então, de repente, o amigo de sua irmã, aquele que a levou até lá, desaparece, ou desaparece da memória dela. Agora é apenas uma sala com três caras bebendo e Lina.

Um dos três rapazes, *o primeiro*, como ela se lembra dele, entrega a ela uma bebida em um copo de plástico vermelho. Ela não tem certeza se é álcool. Parece roxo dentro do copo, ou azul-escuro. Não tem gosto de álcool. Tem um gosto escuro, repugnante e quente. De qualquer forma, Lina nunca provou álcool antes, então mesmo que fosse bebida alcoólica ela não teria cem por cento de certeza.

É dele que me lembro mais, ela dirá mais tarde, quando for mais velha, e sei que ele foi *o primeiro*. É *do primeiro* que me lembro mais. A gente estava transando. Eu não estava totalmente consciente do que estava acontecendo lá embaixo. Só sentia alguém em cima de mim e sabia que era sexo. A próxima coisa de que me lembro é de ele me virando de forma que eu ficasse de barriga para baixo. Então tem outro cara em cima de mim e eu o ouço dizer: Ah, não, essa é a irmã mais nova da Abby, eu não posso fazer isso. E ele desiste. Em seguida houve um terceiro cara, mas a essa altura minha memória já está péssima. Eu não resisti, disso eu me lembro. Apenas deixei tudo acontecer. Acho que eu não queria dizer não a ninguém, queria que eles gostassem de mim. Não queria lhes dar uma razão para não gostar. Não gostar de mim.

No dia seguinte e em todos os dias que se seguem, o boato é de que Lina transou com três caras em uma noite.

sloane

Sloane Ford tem cabelos muito longos e muito bonitos, da cor de castanhas. Um tom de marrom improvavelmente quente, embora ela não os pinte. É magra e tem quarenta e poucos anos, mas seu rosto é como o de uma universitária; tem a aparência de quem flerta. Ela vai à academia com mais frequência do que almoça com outras mães. Ao mesmo tempo parece e não parece uma mulher sobre a qual as pessoas fazem fofoca. Parece genuína, apesar de maliciosa, e diz coisas como: *Eu fico intrigada com a política do serviço*. Ela realmente acredita quando diz que uma experiência gastronômica é um microcosmo da dinâmica de conhecidos e estranhos se juntando, sob condições nas quais um lado do encontro firma, de certa forma, um contrato de aprendizado com o outro, pelo menos durante algumas horas.

Ela dá a impressão de não saber que está sendo observada. Em algumas circunstâncias, parece tão segura de si que pode ser assustadora, e as pessoas tomam muito cuidado para não irritá-la. Em outras ocasiões, é muito generosa, de modo que parece quase pequena, então seus amigos se esforçam para não perturbá-la. A

confluência dessas duas perspectivas é impressionante, e o resultado é que as pessoas se sentem atraídas por ela.

Sloane é casada com um homem chamado Richard, que não é tão bonito quanto ela. Eles têm duas filhas, equinas e vibrantes como a mãe; e uma terceira filha, Lila, do primeiro relacionamento de Richard. Como família, são muito ligados, mas ao mesmo tempo há uma porosidade, o tipo de distância amigável que permite que cada membro tenha personalidade própria.

Eles moram em Newport, na Baía de Narragansett, em Rhode Island, onde grandes casas georgianas se alinham ao longo da costa rochosa, em uma rua movimentada, mas adorável, e veranistas compram patê de anchovas, biscoitos e lagosta no mercado de peixe. Richard e Sloane são donos de um restaurante a poucos quarteirões de distância dos barcos que balançam silenciosamente na baía. Ele é o chef, e ela cuida do salão. É perfeita para esse trabalho, o tipo de mulher que pode usar vestidos até o tornozelo sem se perder dentro deles.

O verão para eles é movimentado, como é para todos na ilha. É o momento de ganhar todo o dinheiro que puderem, porque os meses mais frios são infrutíferos. Em janeiro e fevereiro, os moradores precisam fechar as escotilhas e ficar dentro de casa com a família e o dinheiro ganho, comendo o pesto de couve que estocaram.

Nos meses mais frios, os residentes também conseguem se concentrar mais nos filhos, em sua rotina, na escola, nos recitais e nos esportes. Mas Sloane é uma mulher que não fala sobre as filhas, ou pelo menos não da mesma forma que algumas outras mulheres, cujas vidas giram em torno de pequenos cronogramas.

Quando Sloane não está por perto, as pessoas falam dela. Em uma cidade pequena, o fato de ela ir à academia com mais frequência do que conversa junto aos sacos de verduras já seria suficiente. Mas não é por isso que as pessoas falam.

A informação mais picante, a fofoca, é que Sloane transa com outros homens na frente do marido. Ou faz isso fora de casa, ou em outra ilha, grava e mostra o vídeo ao marido depois. Se ele não está presente, ela troca mensagens durante todo o tempo, para que ele acompanhe o que está acontecendo. Às vezes ela vai para a cama com outro casal.

Sua trajetória não é, à primeira vista, convincente. Ela vive naquele lugar o ano todo, o que já é estranho. Famílias como a dela costumam viajar até lá para uma temporada de duas semanas no verão. Por vezes passam o verão inteiro, ou a mãe fica, e o pai vai apenas nos fins de semana. Mas ficar ali o tempo inteiro, no inverno, pode deixar uma pessoa maluca. Não há shoppings nem grandes lojas pelos quais perambular. Quando sai de manhã, você leva uma lista de tudo que precisa fazer no mundo lá fora.

O caminho para sua vida adulta começou com uma festa de Natal na casa do chefe de seu pai. Um dos homens mais ricos da cidade de Nova York. A casa, nos subúrbios de Westchester, tinha colunas, tapetes persas e cristais com bordas douradas. Mulheres com saltos baixos.

Do lado de fora, os galhos das árvores estavam curvados de tanto gelo. As ruas brilhavam. Sloane era a convidada do pai, e o acompanhante dela era um garoto chamado Bobby. Ele era bonito, como todos os garotos que ela namorava. Sloane tinha vinte e dois anos e estava dando um tempo do mundo dos restaurantes. Queria

explorar o teatro. Saía quase todas as noites e seu calendário social estava cheio de eventos, desde cerveja quente em casas de espetáculos abafadas a martinis gelados em casas como aquela.

A esposa do chefe de seu pai, uma mulher afetada e grisalha chamada Selma, disse:

Nós deveríamos juntar Keith e Sloane.

Ela disse isso na frente do acompanhante de Sloane, Bobby. Foi como uma epifania. Keith, o filho deles; e Sloane, a filha do braço direito do homem, bonita, educada, magra. Divinos e, como dois cavalos, prontos para reproduzir. Eles moravam a dois quarteirões um do outro. Como não tinham pensado nisso antes?

Sloane não estava tão interessada em dinheiro, mas, de qualquer maneira, aquele Keith tinha muito. O sobrenome da família dele estava no topo da maioria dos programas do mundo da arte.

Algumas semanas depois, Sloane saiu com Keith. Ela ficou feliz por fazer aquilo pelo pai. O fato de sua energia sexual ter alguma utilidade no mundo de negócios dele fazia com que se sentisse poderosa.

Keith perguntou aonde ela queria ir e Sloane respondeu: Vong. O próximo lugar ao qual ela queria ir estava sempre na ponta da língua.

Que coincidência, disse Keith, meu melhor amigo é gerente lá.

Sloane vestia uma blusa de gola rolê verde-oliva, calça cigarrete de veludo e um par de botas. Eles foram acomodados à melhor mesa, uma banquetta em um nicho. Era uma mesa para seis pessoas, mas naquela noite estava reservada apenas para os dois. Sloane estava acostumada a ser uma convidada especial. Ela usava brincos pequenos. O restaurante estava vibrando com a energia de ser o lugar do momento. Os garçons andavam apressados, serpenteando sem

parar uns ao redor dos outros, como se metade deles fossem fantasmas. Os pratos eram artísticos: retângulos brancos e cinzentos de peixe no topo de pirâmides de legumes envoltos em algo escorregadio, doce e marrom. O aroma de acidez e calor. Os aquecedores ligados para não poupar gastos.

O gerente, o melhor amigo de Keith, apareceu para avisá-los que o chef enviaria para a mesa um cardápio especial de degustação. Antes do jantar, Keith e Sloane tinham fumado maconha. Sloane sempre consumia a quantidade perfeita de qualquer droga. Às vezes, a quantidade perfeita significava exagerar, então era isso que ela fazia. Álcool, por exemplo. Às vezes, ela sabia, era apropriado ficar um pouco bêbada demais.

Foram servidos cinco pratos, cada um mais interessante que o outro. Mas o último prato antes da sobremesa foi o que mais impressionou Sloane. Um robalo inteiro com feijões-chicotes e um molho viscoso de feijão preto. Ela não parava de dizer para Keith: Porra, isso está incrível. E Keith sorria e alternava entre olhar para ela e para os garçons que passavam. Ele parecia se divertir com o rápido fluxo do mundo. Sloane sabia que dentro da mente de caras como aquele havia a apreciação casual de mais um bom jantar com mais uma garota bonita. Um dia, ele teria uma mesa de bilhar em uma sala no andar de baixo, fumaça de charuto e filhos. Aquele robalo se tornaria linguado ou atum grelhado. Sloane se tornaria Christina ou Caitlin. Mas, naquele momento, na maioria dos momentos, Sloane não era como a água que ondulava a seu redor. Esse robalo, ela disse, tocando o pulso de Keith. Esse peixe do caralho! Havia algo na comida — sempre houvera — que conectava Sloane a um mundo diferente, um

mundo onde não precisava ser bonita nem equilibrada. Um mundo onde os sucos podiam escorrer por seu queixo.

O chef apareceu no fim, quando Sloane e Keith estavam quase terminando de comer o robalo. As espinhas jaziam limpas no prato. Eles estavam saciados, dando risinhos. Sloane disse ao chef que a comida estava maravilhosa, mas ela não estava muito sociável. Estava basicamente chapada. Não disse a ele, por exemplo, como o peixe a aquecera. Seus olhos brilharam, mas ela não se conectou a ele com os olhos como sabia ser capaz, se quisesse.

Ele tampouco causou uma grande impressão nela, com seu chapéu branco de chef. Mas sorriu e foi simpático, e ela gostou da comida. Toda a experiência fora perfeita, e estar com Keith parecia exatamente o que ela deveria estar fazendo com sua vida.

De volta à cozinha, o chef mandou servir uma sobremesa. Mousse de chocolate e biscoitos de gengibre, com molho de frutas silvestres e saquê. Keith e Sloane beberam café e digestivos. Sloane sabia que a maioria das garotas de sua idade não comia aquele tipo de comida, na verdade, só comeriam quando tivessem vinte e tantos ou trinta e poucos anos e ficassem noivas.

Enquanto se encaminhavam para a porta, Sloane se virou para seu acompanhante e disse: Se eu voltasse a trabalhar em um restaurante, seria em um lugar como este.

Keith tinha acabado de descobrir, durante o jantar, sobre o passado de Sloane no ramo de restaurantes. A palavra *passado*, claro, era ridícula; essa palavra dava crédito à ideia de que, em se tratando de uma jovem como Sloane, trabalhar em restaurantes era quase como uma curiosidade. Ela vinha de uma família de classe alta de um subúrbio de Nova York e tinha estudado na escola Horace Mann,

onde os futuros governadores e procuradores-gerais se formavam. Mas apesar de não precisar de dinheiro para coisas como roupas e brilho labial, havia arrumado um emprego de garçom aos 15 anos. Preencheu o formulário de inscrição e, como experiência de trabalho anterior, listou as horas que passara arquivando documentos no escritório do pai e as noites que trabalhara de babá para os vizinhos.

Ela fora atraída por restaurantes porque gostava da atmosfera. Gostava de servir pessoas. Gostava de usar calças pretas e sapatos brancos e de ficar encarregada da experiência de uma mesa. Via o modo como outros jovens iam de mesa em mesa, entediados, irritados, nervosos. Em grande parte do tempo, ela sabia, eles não estavam envolvidos. Não estavam presentes no papel que representavam. Porque *era* um papel; como garçom você era um mestre de cerimônias. Você era o suserano da mesa e o representante da cozinha no salão. É claro que ela gostava do dinheiro, os números inteiros e doces, que eram elogios matemáticos a seu bom desempenho. E as gorjetas em dinheiro, que costumavam ser deixadas em mesas ocupadas apenas por homens, várias notas de vinte dobradas e enfiadas lascivamente sob um copo com gelo.

Sloane tentara, primeiro, o caminho correto. Ela se inscrevera e fora aceita na Hampshire University, conseguira um quarto lá, vestira botas de montaria enquanto andava por pontes sobre os lagos congelados e as sebes afiadas do ambiente acadêmico da Nova Inglaterra. Saíra com caras, entrara para uma fraternidade.

Ela abandonou a Hampshire, depois voltou. Em seguida abandonou a faculdade mais uma vez. Nenhum desses movimentos foi inteiramente cuidadoso. Ela era jovem e incerta. Tinha um irmão, Gabe, que também era assim, então enquanto um deles estava fazendo

a coisa certa, o outro podia fazer a coisa errada. Seus pais podiam ficar apaziguados de um lado e preocupados do outro.

Sloane cursou algumas matérias enquanto trabalhava em restaurantes, mas sempre se sentia inquieta. Observava os outros alunos na sala; achava exótica a forma como eles pareciam mesmo prestar atenção. Esse estado de espírito parecia inalcançável. Ela se sentia mais confortável de pé. Então sempre voltava para os salões vibrantes, os copos tilintando.

Mesmo assim, aquela noite pareceu diferente. Ela se sentiu atraída, como se por um ímã. Fazia muitos anos que não trabalhava como garçonete. Ela havia voltado à faculdade e dado uma olhada nos teatros no centro da cidade, pensando que talvez fosse boa em produzir shows. Sabia como falar com as pessoas, como deixar os ricos e entediados interessados em algo novo. Como os amigos do pai, por exemplo. Ela os olhava nos olhos e dizia que estariam sendo omissos se não investissem na exposição de arte de determinada pessoa ou na linha de roupas de golfe de outra. Usava seu cabelo, seu sorriso e quem ela era no mundo. Ela não era alguém para esquecer.

E agora estava com Keith, o filho do chefe. Isso era exatamente o que o pai dela queria. Sua mãe também. Lençóis com monogramas. Cestas de piquenique no porta-malas de um Range Rover. Gêmeos com golas Peter Pan. A palavra off-white. Saint John. Natal em Aspen. Visitas a Telluride.

Se eu voltasse a trabalhar em um restaurante, seria em um lugar como este.

Talvez ela tenha dito isso alto o suficiente para que o gerente a ouvisse.

Na semana seguinte, o gerente ligou e ofereceu um emprego a Sloane, que aceitou com entusiasmo. Não tinha percebido, até o momento, o quanto sentira falta do mundo dos restaurantes, do burburinho, do barulho e da relevância. Era quase como política.

Embora seu trabalho fosse recepcionar os clientes na entrada, Sloane teve que passar um dia na cozinha como parte de seu treinamento. A ideia era que todos os empregados soubessem como funcionavam as coisas, de modo que se um cliente perguntasse à *hostess* como o robalo era preparado, ela tivesse um conhecimento íntimo.

Normalmente, o treinamento na cozinha envolvia o chef conduzindo o novo contratado por cada estação: a estação fria, a estação quente, a estação de preparação de sobremesas e assim por diante. Mas naquela ocasião, o chef, Richard, não estava interessado em seguir a rubrica.

Ele a encontrou no salão. Estava limpando as mãos em um pano úmido. Tinha um rosto estreito e anguloso e o tipo de olhos claros que podiam ser calorosos ou maliciosos.

Richard sorriu e disse: O que acha de prepararmos *kneidl*?

Sloane riu. *Kneidl*? Ela olhou em volta, observando o salão do restaurante franco-tailandês. Uma música suave tocava ao fundo. Ela observou as formas e cores do tapete, que a faziam pensar em pirâmides em países arenosos que nunca tinha visitado. Às vezes ela sentia que era uma garota de lugar algum, que qualquer lugar onde estivesse poderia ser outro lugar. Que ninguém sentiria falta dela em casa, na escola. Ao mesmo tempo sabia que com frequência era a alma de uma festa. Ela sabia que as pessoas perguntavam: Cadê a Sloane?, se não a vissem até as dez da noite em um ambiente onde ela deveria

estar. Ela tinha uma vaga ideia de que um dia outras mulheres diriam: Eu queria que Sloane fosse minha mãe, depois que ela desse uma festa suntuosa para comemorar o aniversário de uma menina no terceiro ano da escola. E no entanto, lá estava ela, naquele restaurante, sentindo que habitava o corpo de alguém que não compreendia por completo. Isso resultava, em parte, do medo de não ter uma identidade. Como nunca soube exatamente quem era, ela se esforçava muito para se concentrar, no mínimo, em não ser entediante. E algumas vezes tinha feito coisas empolgantes e fora do comum para garantir que ninguém a classificasse como entediante. Mas às vezes essas coisas faziam com que se sentisse uma pessoa sem amor, corrompida e fria.

E lá estava Richard. O chef daquele restaurante, mais velho do que ela, mas não de uma maneira característica de homens mais velhos. Ele não era rico nem insano. Não tinha um jatinho nem nada de corrupto a seu respeito. Não era o tipo de homem com quem Sloane estava acostumada a conviver. Especialmente naquela época, quando andava curtindo bad boys, baixistas, sujeitos sombrios e desleixados que pilotavam motos. Richard, ao contrário, era um chef sóbrio com seu chapéu branco, com um emprego ao qual comparecia, do qual precisava. Em casa, ela ficara sabendo, ele tinha uma filha pequena.

Ele a levou para a cozinha. Uma longa mesa de aço inoxidável brilhava, e ela viu o próprio queixo forte refletido. Nunca ficara chateada com um reflexo de si mesma. Tinha certa consciência da própria sorte. No sentido de que tinha amigas que não gostavam do próprio reflexo, que ou o evitavam ou o procuravam de maneira obsessiva. Sloane não fazia nada disso. Ver-se refletida em uma vitrine

ou em uma mesa de aço apenas reforçava o que ela já sabia. Tinha ouvido durante toda a vida como era bonita. Havia começado quando era criança. Tias, estranhos. Pessoas acariciando distraidamente seus cabelos, como se ela fosse uma cadela retriever em um gramado, parte do castelo da boa sorte.

Richard pegou caixas de matzá. Outra coisa que Sloane amava nos restaurantes era a quantidade de itens. Caixas e caixas de itens utilitários, anônimos e organizados. Molho de tomate, em particular. Ela gostava de como era possível cobrir o perímetro de uma sala com a mesma lata de molho infinitas vezes.

Eles esmagaram os matzás para preparar o prato. Ele já havia trazido o alho, o sal e o fermento. Colocou esses ingredientes em uma tigela grande. Em outra começou a misturar os ovos e o *schmaltz*. Já havia picado o endro. Ela percebeu que ele não lhe deu abertura para se negar a preparar *kneidl*, e gostou disso. Em geral, Sloane respeitava a tomada de decisão. Gostava quando outros tomavam as decisões por ela. Vestiu um avental que ele lhe dera, um item padronizado e bonito.

Ele despejou a mistura úmida na tigela de ingredientes secos, instruindo-a a usar o garfo para misturá-los, mas sem mexer demais. Em seguida, mostrou a ela como formar as bolas usando uma colher fria. Suas mãos e braços roçavam uns nos outros. Sloane sentia o calor de sua atração. Mas também sentiu algo novo. Já experimentara luxúria e explosão antes. Fora jogada sobre camas e sentira que estava na igreja e no inferno ao mesmo tempo. Mas aquele sentimento era novo.

Eles arrumaram as bolas em uma bandeja e as colocaram na geladeira para descansar. Enquanto esperavam, conversaram. Movimentaram-se pela cozinha e contaram uma ao outro suas

histórias. Não havia mais ninguém, no sentido de que outros funcionários entravam e saíam, mas nenhum deles fazia notar sua presença. Richard contou a Sloane sobre sua origem judaica. De repente ela se deu conta de que o *kneidl* poderia ter sido sua maneira de dizer: *Isto é quem eu sou, de onde venho*. Ele lhe contou sobre a filha, Lila. Como a maioria das jovens de sua idade, Sloane não podia nem imaginar ter um filho naquela época. Sempre que tinha medo de estar grávida, ela olhava ao seu entorno, analisando o quarto onde estava, em um dormitório universitário ou em um apartamento que estivesse dividindo com uma amiga ou um namorado, e tentava imaginar onde colocaria o berço. Ela olhava para as garrafas de vodca e para as pilhas de *Vogue*, e sentia tudo ficar escuro e abafado. Ela não era nem tia.

Quando as bolas de matzá estavam prontas, eles as tiraram da geladeira e começaram a colocá-las no caldo fervente. Exalavam um aroma acastanhado de pão. Sloane gostou. Cheirava a lar. Um lar que ela nunca conhecera, mas um *lar* mesmo assim.

Sentiu que Richard olhava para ela, espiando, através das curvas de seus braços junto à panela fervente. Ela tinha certeza de que ele não deixaria que ela se queimasse, que se a panela virasse subitamente, ele a empurraria como um ninja em outra direção, ou até assumiria a queimadura, deixando que o caldo escorresse pelo tecido fino de sua calça preta, escaldando suas pernas até ficarem da cor dolorosa de carne de porco crua.

Quando as bolas estavam cozidas, eles as adicionaram ao restante da sopa e os funcionários a comeram como uma refeição em família. Sloane olhou em volta da mesa, para os garçons, as recepcionistas e o gerente, todos parecendo menos experientes do que ela, tanto nos altos como nos baixos da vida. Ou pelo menos era como se sentia na

época. Ela se sentia como um pequeno deus vermelho. Única no sentido de que não podia ser classificada. Ao mesmo tempo benevolente e cruel. Bonita e espalhafatosa. Rica e pobre, religiosa e ímpia. Ela era um equilíbrio de contradições, assim como todas as garotas subversivas com pais ricos e sofisticados e mães frias e enroladas em echarpes. Ela não estava em nenhum lugar onde era procurada e ao mesmo tempo estava em todos os lugares onde era desejada. Durante a maior parte de suas duas décadas de vida, fora um fantasma vestindo linho leve, bebendo suco de laranja em mesas elegantes, sendo requintada na Páscoa. Mas pela primeira vez sentiu que, se deixasse aquele ambiente, sua falta seria claramente sentida. Ali era onde deveria estar, sentia no seu âmago. Comeu a sopa, que a aqueceu por completo.

Depois daquele dia na cozinha com o *kneidl*, Sloane assumiu seu papel no restaurante. O restaurante se tornou ela, e ela se tornou o cargo. Aquilo ocupou toda a sua vida. Todos os empregos ocupam, até certo ponto, mas quando se trabalha em um restaurante, por causa da natureza do trabalho, por causa dos horários, porque consome as noites e os fins de semana, o trabalho se torna a vida social da pessoa. O restaurante se tornou o cerne em torno do qual girava o resto de sua vida. Ela passava mais tempo arrumando o cabelo quando tinha um turno mais longo, para que ele permanecesse limpo e liso por dez horas seguidas.

Por volta da hora do pôr do sol, certa tarde, ela sentiu que estava sendo observada. Ergueu os olhos e viu Richard na cozinha. Ela estava usando uma calça xadrez elegante. Era muito justa. Ela se sentia longa, bonita e útil. Movendo-se lentamente, cruzou o salão para encher os vasos ao longo da grade do restaurante com velas votivas.

Sabia que isso daria a Richard uma melhor visão de seu traseiro. Ela se inclinou sobre a grade. Não olhou para trás para ver se ele estava olhando, mas sua pele formigava com o calor do olhar dele.

Pela manhã, Sloane também trabalhava gerenciando um café: o Housing Works Bookstore Cafe. Não tanto porque precisasse do dinheiro, mas porque se sentia mais capaz quando espalhava sua energia. Ela gostava de aprender diferentes modelos de negócios. Gostava de ter tentáculos. Jovens universitários frequentavam o café entre as aulas na Universidade de Nova York. Comiam granola, iogurte e bolo de milho salvadoreno. Chegavam de ressaca, mal-humorados ou radiantes. Ela os ouvia, os observava e esquadrihava o ambiente. Sentia-se melhor administrando suas experiências do que quando se sentava ao lado deles durante as aulas e se perguntava como conseguiam absorver toda aquela informação.

Um dia, Sloane ia querer ter seu próprio negócio. Havia uma colega no café com quem ela falava sobre comprar um espaço que poderiam transformar em um restaurante ou um bar. Era seu sonho, na época, combinar comida e música em um espaço inovador. Um lugar onde um grupo pudesse passar uma noite inteira. Depois de comer filé com fritas e alcachofra recheada, uma mesa de amigos ficaria para beber, dançar e assistir a uma banda tocar.

Ela estava procurando um lugar na West Broadway, depois da Canal Street, onde naquela época havia estacionamentos, tabacarias, milk-shakes espessos e patins. Agora naquela parte da cidade há prédios com porteiros e jardins na cobertura, mercados boutique vendendo alface-manteiga hidropônica e garotos de Ray-Ban fazendo selfies na frente do prédio dos bombeiros, cuja fachada aparecia no

filme *Os caça-fantasmas*. Era típico de Sloane ver o potencial de algo antes de todo mundo.

Nas estreitas faixas de tempo em que não estava trabalhando, Sloane saía para se encontrar com um ex chamado Judd, ou uma jovem chamada Erika. Judd tinha olhos escuros, pele pálida e uma motocicleta. Sloane gostava de como o cabelo dela parecia sujo pela manhã, depois de estar com ele. Ele nem sempre ligava de volta tão rápido quanto ela gostaria. Com Erika, era um pouco mais previsível. Com as mulheres, mesmo quando há tumulto, há uma base de certeza. Elas ligam mais, respondem mais rápido. Erika não foi a primeira mulher de Sloane. Houvera uma garota em Hampshire chamada Lia. Elas namoraram, tanto quanto se pode namorar na faculdade. Em uma noite de inverno, Lia disse que precisava de um pênis. Elas ligaram para um rapaz com quem tinham saído, separadamente, no passado. Como um trio, eles riram mais do que qualquer outra coisa. Foi um borrão de brincadeiras. Ela ficou excitada com os vários rastros de saliva em suas coxas. Com Erika, em Nova York, era mais sério; além disso, Erika não gostava de homens. Às vezes, Sloane percebeu, podia haver um desequilíbrio em um relacionamento entre duas mulheres, quando uma das duas gosta de transar com homens e a outra não. Às vezes, a que não gosta pode achar que a outra mulher é uma traidora. Ela pode se preocupar que a outra mulher queira mais; não apenas o pênis, não algo que um consolo não possa saciar, mas a ideia do homem, a ideia de alguém que é maior, a ideia de ser subjugada pela energia masculina até o êxtase.

Sloane não queria nem precisava de um homem dessa maneira. Mas queria mais da vida do que uma única pessoa poderia lhe dar. Ela queria experiências maiores. Sempre desejava que uma noite evoluísse

para algo mais complexo. Ela levou Erika para o Vong, para trabalhar como garçone. Sloane sempre misturava seus mundos. Não tinha medo de contaminação; na pior das hipóteses, o caos potencial era excitante. Depois do trabalho, todos se reuniam para beber, repassavam os fracassos e sucessos e, dominados pela energia do lugar, discutiam como tornar a experiência melhor para os clientes na noite seguinte. Havia uma energia sexual envolvida. Colocar um mundo à mesa fazia Sloane se sentir viva.

Quando, ocasionalmente, a biosfera do restaurante parecia pequena e sufocante, quando sentia Erika se aproximando, Sloane desaparecia por algumas noites e ia para a casa de Judd. Com Judd, ela bebia muito, usava drogas, transava no escuro. Judd era como um loft, austero e frio. Muitas vezes, a aura Sid e Nancy de tudo aquilo a atraía. Ela nunca sabia se ele era seu namorado, ou se queria que ele fosse, mas gostava de como se preocupava se ele ia ligar ou não. Gostava de se arrumar para ir encontrá-lo. Rímel, canudos com um líquido transparente. Durante vários meses, aquilo foi um redemoinho; eles se separaram e voltaram, ficaram juntos de novo e moraram juntos, deixaram um ao outro e voltaram atrás. Ele era louco, e ela agia como uma louca quando estava perto dele.

E por fim começou um terceiro relacionamento, com Richard, o chef, embora no início não parecesse um relacionamento. Não houve uma grande trepada, nenhuma noite de uísque e bizarrices que desse início a tudo. A química entre Richard e Sloane era forte, mas também era clara. Ele não era mais criança. Tinha uma filha de oito meses em casa, com uma mulher de quem ele ainda era próximo, mas com quem não tinha mais envolvimento romântico. E embora Richard fosse pai, Sloane não pensava nele desse jeito. Na maior parte do tempo, ele

parecia algo saudável. Sloane sentia que precisava crescer. Ou melhor, ela sabia que precisava crescer. Embora não soubesse ao certo quem queria ser, sempre soubera os marcos que precisava atingir. Isso era resultado do tipo de família do qual ela vinha.

Ela nunca disse realmente a Judd que o relacionamento tinha terminado. Eles meio que se afastaram um do outro, aos poucos. O segredo, ela aprendera, era nunca ser sincera, mas ao mesmo tempo nunca mentir de fato. Ela começou a ficar até mais tarde no restaurante, bebendo no bar enquanto Richard levava novos pratos para que Sloane e os garçons remanescentes experimentassem. Trouxinhas de crepe recheadas com carne de porco picante e amarradas com uma tira de cebolinha. Até que chegou uma noite em que ela não foi se encontrar com Judd, e ele ligou várias vezes, tanto quanto e até mais do que ela sempre quisera que ele ligasse. E então veio a noite seguinte, quando ela foi para casa com o chef.

De manhã, Sloane abriu os olhos e os dele já estavam abertos, olhando para ela, e isso pareceu muito diferente e contido, então ela perguntou, meio em tom de brincadeira: Você acha que devemos ser exclusivos?

Havia vários brinquedos infantis cuidadosamente arrumados nas prateleiras de livros. Na cozinha, havia um armário com cereal de arroz e um secador com mamadeiras de bicos anatômicos.

A cabeça de Richard estava apoiada na base da mão. Uma faixa larga de sol iluminava a poeira no chão.

Eu pensei que já éramos, ele disse.

O início do relacionamento deles não foi dramático, como todas as conexões anteriores de Sloane. Desde o começo pareceu algo que ela tinha sob controle. Não precisou correr atrás daquela parte íntima de

Richard que, em homens como Judd, parecia trancada a sete chaves. Não era amor, essa parte, mas sim estase. Era o núcleo de outra pessoa, que permanecia imóvel por tempo suficiente para que Sloane confrontasse suas próprias partes com as dele. Ele era confiante, forte e poderoso. Nunca ciumento nem mesquinho. Era talentoso e seguro de si e dava ordens a sua equipe de uma maneira ao mesmo tempo gentil e resoluto. Além de tudo isso, ele a desejava tanto, ele a desejava o tempo todo. Ela o desejava também, é claro, mas a insaciabilidade quase furiosa que Richard sentia por ela fazia Sloane se sentir a mulher mais cobiçada do mundo.

Eles também compartilhavam os mesmos objetivos de vida. Ambos queriam abrir um restaurante e, ainda melhor, ele era a cozinha e ela ficava no salão. Era bom demais para ser verdade. Sete meses depois, em julho, Sloane levou Richard a Newport, para a casa de veraneio de seus pais, à beira-mar. Richard ficou impressionado da mesma maneira como todos os recém-chegados ficavam. As multidões na cidade e nas praias desapareciam no decorrer das estradas de cascalho em direção a casas brancas iluminadas em praias rochosas particulares. Dava para comprar ovos e brotos de samambaia, deixando dinheiro em uma caixa junto às barraquinhas dos produtores. Mas também desanimava o modo como locais muito apreciados podiam ser. Era o auge da temporada e eles não conseguiam entrar em lugar nenhum para comer. Chefs e garçons estavam sobrecarregados enquanto os turistas lotavam os melhores restaurantes à beira do mar.

Quando finalmente conseguiram uma mesa, descobriram que a toalha estava manchada, pois não fora trocada entre os fregueses. Enquanto comiam um prato de linguine nadando em um fino molho

de amêijoas da cor da água da praia, Sloane olhou para Richard, ele olhou para ela, e uma decisão foi tomada por meio daquele olhar.

Em setembro, eles fecharam um contrato de compra de uma linda casa cor de menta no centro da cidade, com um restaurante anexo. Ela concordou com alguns amigos que talvez fosse uma decisão impulsiva, mas insistiu que não fora uma decisão burra. Ela sabia que não havia chef melhor do que Richard. Soube disso ao provar o robalo que ele preparara naquela primeira noite. Não tinha tanta certeza de que não houvesse um parceiro melhor, mas estava disposta a descobrir.

É assim que você lida com assistir a seu marido transando com outra mulher. Você precisa beber, mas não pode ficar bêbada. Se ficar bêbada demais, então ficará irracionalmente ciumenta. Vai parar de entender as coisas. Não vai ter acesso à parte de seu cérebro que diz: Não, ele ama você, só está fazendo isso por diversão.

Seu marido deve se concentrar em você. Sim, algo está acontecendo para ele, e essa é uma sensação física que ele precisa sentir, experimentar, aproveitar, mas a mente dele deve estar concentrada em saber onde você está. Onde você está no ambiente, e onde você está em sua própria mente.

Quanto à garota, ela pode fazer o que quiser. Você não pode controlá-la. Ela precisa ser muito atraente — mas não tanto quanto você, nem aos seus olhos nem aos do seu marido.

Não pode ser uma cena pornô. Isso é algo que vocês estão escolhendo experimentar juntos, como um lado de seu relacionamento amoroso. Vocês precisam conversar um com o outro, precisam ter consciência um do outro.

Consciência. Você pode achar que compreende a palavra, mas precisa absorvê-la. Seu marido deve estar consciente de você como se estivesse dentro de sua mente. O objetivo é deixar *você* excitada, e não a outra mulher. Então, mesmo que ele esteja transando com essa outra mulher, ele precisa, na mente dele, estar transando com você. Cada penetração atravessa a mulher e entra em você.

Já faz um bom tempo que vocês fazem swing, se é que se pode chamar assim, porque não é realmente swing. *Swing* é uma palavra que pertence a outro tempo, a pessoas que não são Sloane. Ela é refinada, assim como seu mundo, seus lençóis, sua mente.

É mais uma sexualidade sem fronteiras, mas não de um jeito hedonista e hipster. Se comparasse a vida sexual deles à arrumação de uma mesa de jantar, a mesa em si seria longa e grossa, decorada com chifres, outros ossos e flores. Para beber, haveria vinho e vinho do Porto, e os convidados comeriam a sobremesa e a salada ao mesmo tempo. Haveria cadeiras de veludo e bancos de bar simples, de madeira, mas os convidados também poderiam se sentar sobre a mesa, nus ou usando um vestido barroco.

Tudo começou em seu aniversário de vinte e sete anos. Na primeira semana de julho, mais de uma década atrás. Havia dois anos que tinham aberto o restaurante. Cornijas brancas, luz do sol. Ela estava satisfeita com o que havia construído. Sentia que tudo o que tinha feito até aquele momento tinha uma razão.

Fazia calor e Newport zumbia com a força do feriado. O Quatro de Julho é o primeiro fim de semana lucrativo da temporada. Os veranistas compram todas as flores do mercado de produtores. Carregam caules pingando de volta para seus carros de praia com ar-condicionado, suas caminhonetes verdes e seus conversíveis escarlate

antigos. A ferrugem na parte de baixo da carroceria é uma declaração. Garotas de vinte e poucos anos, com cabelos compridos, usam partes de cima de biquíni e calças soltas. Todos os anos há um tipo de sandália preferido em detrimento de outro.

De manhã, Sloane foi ao restaurante para preencher alguns papéis. Passou a mão ao longo do aço inoxidável na cozinha, admirando a geladeira cheia de verduras de verão frescas. Todas as máquinas, os liquidificadores industriais. Ela possuía aquelas coisas. Podia alimentar centenas de pessoas em uma noite.

Um ruído a assustou no outro extremo da sala. Ela ergueu o olhar e viu Karin, uma garçonete que também cuidava da contabilidade do restaurante. Sloane sabia pouco sobre Karin, apenas que ela tinha se formado na faculdade recentemente. E, como muitas jovens que não sabiam o que queriam fazer ou onde queriam morar, Karin tinha ido trabalhar em Newport, onde os pais de seus amigos passavam férias. Ela estivera lá várias vezes quando era pré-adolescente e aprendera o que cobiçar. Tinha cabelo muito escuro e lábios escuros. Eram quase vampíricos. Como se estivessem cheios de sangue coagulado.

Sloane, conhecida por ser magra e sexy, começou imediatamente, ali na cozinha, a listar de que maneiras era melhor que Karin, e de que maneiras Karin era melhor que ela. Sloane era mais magra. Karin era mais nova. Sloane era dona do restaurante, Karin apenas trabalhava lá. Mas isso também podia ser revertido. Podia ser melhor que Karin fosse uma funcionária, uma jovem bonita obedecendo ordens. Não é esse o sonho de todo homem?, pensou Sloane. Mas não, Sloane era autoconfiante, alfa, abundante e ao mesmo tempo reservada, se divertia, mas ia para casa cedo o suficiente para que sentissem sua falta. Karin era uma criança, talvez uma pessoa insípida de se

conversar, boa apenas em shows e no quarto durante os primeiros quinze minutos antes de você se cansar da troca de posições. Porque ela era uma menina, Sloane percebeu, que se movimentava com frequência, que mostrava todo o jogo, sorrindo. Ficaria satisfeita mais cedo do que um homem poderia imaginar. Sloane, por outro lado, de cabelos compridos, praticante de ioga, temível, tinha cada vez mais camadas. No fim das contas, qualquer homem no mundo iria até ela e permaneceria lá.

Oi, disse Karin. Era um “oi” incomum, caloroso e irascível.

Oi, disse Sloane. Ela tem um jeito de dizer “oi” que é ao mesmo tempo curioso, crítico e um pouco sensual.

Hoje não é seu aniversário?

Sloane fez que sim com a cabeça. E sentiu um sorriso se formando. Será tão simples?, pensou. Alguém diz que é seu aniversário e você baixa a guarda. Como se tivesse sete anos e estivesse usando seu novo vestido de algodão com bolinhas.

O que Sloane não sabia era que, alguns dias antes, Karin tinha proposto algo a Richard. Ela dissera: E se eu me juntar a você e sua mulher no quarto? É claro que a pergunta na realidade não tinha sido essa. A menos que o momento tenha sido registrado, nunca é possível saber qual foi a pergunta real. É impossível responder. Não dá para definir sinceramente quais são as palavras exatas para formular algo assim. Sinceridade absoluta, Sloane sabia, não tinha lugar no sexo a três — em nenhum tipo de sexo, para falar a verdade.

Sloane imaginou Richard erguendo as sobrancelhas, imaginou-o ficando tímido e nervoso. A esposa não estava por perto. Ele era um marido devotado. E disse: Você pode propor isso a Sloane, se quiser.

Depois voltou a fazer o que estava fazendo, preparando comida para centenas de pessoas.

Karin sugeriu que elas tirassem o resto do dia de folga. Não conhecia Sloane bem o suficiente para sugerir algo daquele tipo, no entanto foi justo por essa razão que conseguiu fazê-lo. Vamos levar uma garrafa de champanhe para a praia, disse ela, pegando Sloane pela mão.

Elas foram de carro até Napatree Point com a garrafa de champanhe e o cachorro de Sloane. As duas mulheres estenderam toalhas. Suas unhas do pé estavam pintadas e as pernas e os pés, bronzeados. O mar estava agitado e ao mesmo tempo calmo; assim como uma nevasca obscurece o mundo com seu manto, o mar faz o mesmo com seu ruído branco. As duas mulheres colocaram música para tocar em uma pequena caixa de som gasta. Beberam champanhe, comeram uvas e Sloane se sentiu como uma menina. Algo em Karin fazia com que se sentisse não apenas jovem, mas infantil. Além disso, Karin estava ligeiramente no comando. Talvez porque Sloane tivesse permitido, mas, em todo caso, era bom poder confiar que a personalidade de alguém sobrepujasse a sua, para variar.

Por volta da hora do pôr do sol, elas voltaram para a casa de Sloane e Richard. Depois de passar o dia bebendo na praia, entrar em casa com aquela desconhecida pareceu estranho. Esse ato tinha um cheiro ácido, como rosas em decomposição. O gosto na língua de Sloane era rosa e cinzento. Ela estava queimada da areia e do sol, sua pele parecia ao mesmo tempo áspera e úmida, e parecia que a noite poderia seguir em qualquer direção, embora, é claro, o caminho fosse muito mais previsível. Era, na verdade, imutável.

A princípio, as duas mulheres ficaram sozinhas ali. Sloane pensou em mandar Karin para casa antes que Richard voltasse. Mas algo a impediu. O álcool, para começar. Mas também a maneira como, às vezes, fazer algo errado pode ter um efeito homeopático.

Uma hora depois, elas ouviram um carro estacionar. Richard se juntou a elas na varanda dos fundos. Ele não tinha levado um bolo. Não havia um na casa. O aniversário de Sloane era vários dias depois do Quatro de Julho, e ela era proprietária de um restaurante sazonal em um lugar onde o Quatro de Julho era o feriado mais importante. Ela não se lembrava de ter tido um bolo de aniversário em muito tempo.

Os três beberam coquetéis e vinho. Beber era importante, Sloane sabia, para aquele tipo de evento. Era quase mais importante do que as pessoas envolvidas. Ela sabia que precisava ficar embriagada na medida certa. Vinho era bom, um branco suave. E além do álcool, Sloane diria que há outro componente envolvido em como o sexo a três começa. Nestas palavras.

Uma coisa levou à outra.

Os indivíduos envolvidos raramente conseguem identificar o momento exato. Porque é impossível. Seria preciso admitir que se está procurando algo que parece indecente, estranho. Um marido que deseja penetrar outro corpo, segurar outro seio. Uma mulher que quer ver o marido desejar outra pessoa, para que possa desejá-lo tanto quanto gostaria. Uma terceira pessoa que não é francamente amada no mundo, que entra em um quarto como um criptograma vestindo camiseta regata. Um marido que faz o primeiro movimento. Uma esposa que fecha os olhos para o primeiro movimento. Uma terceira pessoa que não comeu nada o dia todo. Alguém coloca música.

Alguém serve uma bebida. Alguém reaplica o batom. Alguém posiciona o corpo de determinada maneira. Alguém está menos magoado do que deveria. Alguém tem medo da própria carnalidade. Alguém está preocupado em não ser sexual o suficiente. Alguém acende uma vela. Alguém fecha a porta. Alguém sente um frio na barriga. Tem tudo a ver com corpos e nada a ver com corpos.

Uma coisa levou a outra, e Sloane começou a brincar com Karin. *Brincar* quer dizer beijar, tocar, ter intimidade sexual com alguém com quem você não tem um relacionamento. A conotação é a de que isso é algo superficial, sem um significado sagrado. Há também a ideia de algo descuidado, equivocado. Foi uma palavra que, por uma boa razão, ficou gravada na memória de Sloane.

Uma coisa levou a outra, e Sloane estava brincando com Karin, então Richard se aproximou e beijou os ombros de Sloane enquanto Karin beijava sua boca.

Sloane sempre achara sedutor brincar com uma garota. Ainda mais do que sedutor, era fácil. Nunca tinha sido: *Minha nossa, vou beijar uma garota*. Nem mesmo na faculdade, em sua primeira vez com Lia. Para Sloane, sempre houvera algo maduro em não traçar uma linha rígida entre os gêneros nem marcar suas predileções em qualquer um dos lados.

Mas daquela vez ela estava casada. A questão não era a garota, era seu marido com outra garota.

Ela racionalizou. Disse para si mesma: essa garota deu em cima de mim. Não foi Richard quem disse: eu quero que você fique com essa garota. Fomos ela e eu, na praia. E somos ele e eu em primeiro lugar, essa garota é apenas um aditivo. Ela é algo divertido.

Dois anos antes, quando decidiu se mudar em definitivo para Newport — quando, efetivamente, decidiu não se tornar uma mulher igual à mãe —, Sloane foi dar uma volta na vizinha Block Island. Estacionou o carro no interior do barco e foi até o andar de cima, onde ficou de pé do lado de fora e olhou para a água cinza e azul. O vento frio e salgado açoitava seus cabelos contra os olhos e ela pensou em que tipo de mulher queria ser. Durante toda sua vida essa tinha sido uma reflexão um tanto difícil. Audrey Hepburn em *Bonequinha de luxo*. Kim Novak em *Um corpo que cai*. Aquelas mulheres se moviam em meio a uma fina névoa de fumaça e intriga. E o mais empolgante: não se desculpavam por ser quem eram. Até Holly Golightly, com sua hesitação vertiginosa, sempre parecia fazer um acordo consigo mesma pela manhã, em seu minúsculo banheiro, de que enfrentaria o mundo.

Naquele dia, no barco, Sloane decidiu que queria ser imperturbável. Ser indiferente às marés que mudariam a seu redor. Segurar a si mesma nas próprias mãos. Haveria momentos em que ela seria testada, e encararia cada um deles como uma ferramenta de aprendizagem. Aquele foi um desses momentos. Ali estava aquela jovem sensual, segurando uma taça de vinho em sua casa.

Além disso, Sloane ainda não conhecia o marido completamente. Estavam casados havia apenas alguns anos, ficavam com a filha dele metade do tempo, e o resto era dedicado ao restaurante, a fazê-lo funcionar, escrever cardápios, contratar funcionários, demitir funcionários. Era *vamos, vamos, vamos*. Sloane não tinha certeza de que ele gostava apenas dela, de que desejava apenas ela no mundo. Afinal, ela se perguntava, será que uma pessoa poderia de fato se sentir assim em relação a outra?

Uma coisa que ela sabia com certeza era que Richard nunca havia feito nada como aquilo antes. No começo ele parecia inseguro, até chateado, e então alguém disse algo bobo e encantador, as guardas foram baixadas ao redor da sala e uma coisa levou a outra.

Aconteceu devagar. As duas mulheres começaram a se beijar, em seguida desafivelaram o cinto de Richard e abaixaram sua calça. Então ambas começaram a chupá-lo, se revezando, sorrindo, sendo educadas, e tudo foi fácil no começo, todos os olhos brilhando com o absurdo e a excitação de tudo aquilo. Outra coisa levou a outra e de repente o marido de Sloane estava por trás daquela outra mulher, transando com ela, e algo dentro de Sloane parou. Não o coração, mas algo que também mantinha seu corpo funcionando. Ela sentiu sua alma se fundir e deixar o quarto. Então seu corpo físico começou a murchar e ela recuou.

Richard notou na mesma hora. Imediatamente ele se afastou da outra mulher, se aproximou da esposa e perguntou: O que houve?

Foi muito difícil ver isso, disse Sloane. Ela olhava além dele, para a vela na mesa de cabeceira. O quarto cheirava a figos. Acho que eu não estava pronta, falou ela.

Que tolice, ela estava pensando, usar a palavra *pronta*. Quando uma pessoa está pronta para algo? Ou será que a vida, na verdade, é um contínuo de coisas para as quais você deve se preparar, e apenas com uma preparação perfeita é possível existir no presente?

Sloane não sabia o que a garota estava fazendo àquela altura. Não importava. Eram apenas ela e o marido naquele quarto abafado. Ela achou incrível que Karin fosse jovem, consideravelmente mais jovem que Sloane, mas que não fosse a primeira vez que ela fazia algo assim.

Algo tão *adulto*. Na cama, a moça esperava, sabendo, talvez, como aquilo funcionava. Sabendo que ia passar.

Sloane estava confusa; era uma fantasia dela ver o marido comer outra mulher, uma fantasia que nunca havia expressado em voz alta, mas algo a que voltava com frequência em sua mente, em momentos sinceros demais. De repente, aquilo parecia terrivelmente errado. Em um futuro próximo, ela fantasiaria de novo com Richard transando com a garota e isso a deixaria excitada, mas naquele momento ela sentia que estava se derramando de dentro para fora. O marido dela, pelo amor de Deus, a estava consolando com um pênis ereto com o qual acabara de penetrar a mulher que durante o dia trabalhava em seu restaurante.

Uma coisa levou a outra, e de alguma forma eles retomaram aquilo. Sloane decidiu que podia continuar. Afinal, já tinha acontecido. Seu marido tinha penetrado outra mulher na frente dela. Ela tinha visto sua coluna se movendo enquanto ele a penetrava. Não havia como voltar atrás. Mesmo no mais complexo dos reinos que ela invocasse, Sloane não conseguia imaginar uma máquina do tempo convincente o suficiente para desfazer aquilo.

maggie

Durante o segundo ano do ensino médio, Maggie se torna tia de uma menina chamada Emily. Ela tem orgulho de como a bebezinha é linda e feliz. Às vezes, fica assustada com o quanto a criança gosta dela. Se ela se afasta por alguns segundos, a criança berra.

Ela é rebaixada da equipe principal de futebol da escola para a equipe júnior. Há dois novos técnicos, um homem e uma mulher, substituindo o antigo, que deixou o cargo naquele ano. Os dois novos técnicos a chamam para uma conversa depois dos testes de seleção. Em uma sala de professores encardida, eles ficam lado a lado e dizem: Olha, seu rendimento está caindo. Você tem uma ótima visão do campo, mas não leva a bola para onde ela precisa ir.

Ela não entende como essas duas coisas podem ser verdadeiras. Enquanto isso, outras alunas do segundo ano e algumas do primeiro ano são selecionadas para a equipe principal. Ela alterna entre se sentir indignada e humilhada.

Maggie sai da equipe. É assim que lida com as adversidades. Se alguém a critica da maneira errada, sem se preocupar em dizer que mesmo assim ela tem valor, ela não tenta melhorar. Simplesmente diz: